

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES**

CARLA WOANY RABELO PEREIRA

**SOB OUTRO PONTO DE VISTA:
O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO ABORDAGEM NO ENSINO DE ARTE PARA AS
CRIANÇAS DO 5º ANO 1**

**MANAUS
2023**

CARLA WOANY RABELO PEREIRA

SOB OUTRO PONTO DE VISTA:

**O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO ABORDAGEM NO ENSINO DE ARTE PARA AS
CRIANÇAS DO 5º ANO 1**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes, da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros

**MANAUS
2023**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P436s Pereira, Carla Woany Rabelo
Sob outro ponto de vista: o uso da A/r/tografia como abordagem no ensino de arte para as crianças do 5° ano 1 / Carla Woany Rabelo Pereira . 2023
88 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Rosemara Staub de Barros
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Desenho na escola. 2. A/r/tografia. 3. Processo de criação. 4. Ensino fundamental . I. Barros, Rosemara Staub de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CARLA WOANY RABELO PEREIRA

**SOB OUTRO PONTO DE VISTA:
O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO ABORDAGEM NO ENSINO DE ARTE PARA AS
CRIANÇAS DO 5º ANO 1**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes, da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 31/01/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros – UFAM
Orientadora

Profa Dra. Laís Guaraldo – UFRN
Avaliadora

Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes UFAM
Avaliador

RESUMO

Este artigo é resultado de um percurso realizado entre o ano de 2020 a 2022 no Mestrado Profissional em Artes - Prof-Artes. No qual foi desenvolvida uma ação para a turma do 5º ano 1 da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, como estratégia de intervenção para compreender e agir diante da dificuldade que os estudantes apresentavam ao expressar-se por meio do desenho. Recorreu-se à Abordagem A/r/tográfica, visto que as direções que rodeiam nossa ação: a pesquisa, o artista e o ensino de artes visuais, mesmo parecendo independentes, interceptaram-se nessa conversa por meio de rizomas. Diante disso, a professora direcionou seus estudantes a refletirem sobre os processos de criação de dois artistas e a de si próprios, por intermédio do diário gráfico, como uma forma de perceberem o desenho para além da própria linguagem e técnica, valorizando-o como instrumento de pesquisa para construção de identidades, compreensão e valores. O aporte teórico usado na fundamentação percorreu sobre as implicações dos desenhos no desenvolvimento socioemocional da criança por um caminho bem estreito a respeito do posicionamento do professor contemporâneo de arte. Para o arcabouço teórico, reunimos nesta investigação trechos dos diálogos das pesquisadoras Sueli Ferreira (2012), Mirian Celeste, Gisa Picosque e Terezinha Guerra (2010), Edith Derdyk (2020) e outros. Nossos apontamentos para a frase “*eu não sei desenhar*” findaram para a conscientização e reconhecimento do potencial que existe ao fazer desenho, no qual, resultou-se em uma sequência de trabalhos gráficos carregados por mensagens e valores subjetivos.

Palavras-Chave: desenho na escola; A/r/tografia; processo de criação; ensino fundamental I.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de un recorrido realizado entre 2020 y 2022 en la Maestría Profesional en Artes - Prof-Artes. En el cual, se desarrolló un proyecto de acción para la clase del 5°1 de la Escuela do Estado de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi como estrategia de intervención para comprender y actuar sobre la dificultad que tenían los estudiantes al expresarse a través del dibujo. Acudimos al Enfoque A/r/tográfico, desde las direcciones que rodean nuestra acción: la investigación, el artista y la enseñanza de las artes visuales, que aun pareciendo independientes se cruzan en esta conversación a través de rizomas. Ante ello, la docente orientó a sus alumnos a reflexionar sobre los procesos de creación de dos artistas y de ellos mismos, a través del diario gráfico, como una forma de percibir el dibujo más allá de su propio lenguaje y técnica, valorándolo como herramienta de investigación para la construcción de identidades, la comprensión y valores. El sustento teórico utilizado en la fundamentación abarcó las implicaciones del dibujo en el desarrollo socioemocional del niño a través de un camino muy estrecho en cuanto al posicionamiento del docente de arte contemporáneo. Para el marco, reunimos en esta investigación extractos de los diálogos de las investigadoras Sueli Ferreira (2012), Mirian Celeste, Gisa Picosque y Terezinha Guerra (2010), Edith Derdyk (2020) y otras. Nuestras notas sobre la frase “*No sé dibujar*” terminaron por concienciar y reconocer el potencial que existe en el dibujo, lo que resultó en una secuencia de obras gráficas cargadas de mensajes y valores subjetivos.

Palabras Clave: dibujo en la escuela; A/r/tografía; proceso de creación; escuela primaria.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.	07
2	METODOLOGIA	12
3	DESENVOLVIMENTO	13
3.1	FASE EXPLORATÓRIA: o desenho das crianças da EETI Roxana	13
3.2	FASE HIPOTÉTICA: o problema em desenhar.	20
3.3	FASE DE AÇÃO: intervenção.	23
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.	53
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICE 1 – Desenhos finais do 5º ano 1.	56
	APÊNDICE 2 – Plano de aula do período de intervenção	67
	ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	70

1 INTRODUÇÃO

Ao pisar numa sala de aula, não imaginei que ali no interior de 4 paredes, que nos abraçavam nos dias uteis dos nossos encontros, meu papel, ou melhor, nossa relação de troca como sala de aula pudesse nos encaminhar para além das pretensões de uma aula configurada na dinâmica em oferecer conteúdo, interpretar obras e medir aprendizado em avaliações individuais. Eu, a professora, que em seus anos de experiência já estava habituada a ser conteudista e às vezes espelhando o que tinha aprendido na graduação, também apresentava uma professora tecnicista, no sentido de não oferecer apenas um ensino por meio de técnicas de desenho, pintura, colagem etc., mas apegada à praticidade do ministrar por meio da Abordagem Triangular de Ana Mae², na qual encaixava todos os 3 pontos em algo espesso e veloz que se encerrava numa única aula. Eu pensava “*existe tanto assunto, tantas obras para eles estudarem em tão pouco tempo, vou ter que apressar, e eles me acompanharem. Cada um faz sua parte e está tudo bem!*”

À vista dessas decisões, surgia aquele desconforto interno da insatisfação sobre os resultados que soava na minha mente. Assim, eu vinha com novidades, um novo conteúdo que quebrava a fluidez do que era trabalhado, uma recreação usando novas formas de ver as cores, as linhas, as gravuras ou a arte neolítica. O novo sempre foi a resposta, a instantaneidade e a inovação deixavam meus alunos empolgados, e aquilo parecia bom, até o ponto em que eles pareciam estar, a cada aula, mais agitados, ansiosos e mergulhados em euforia. No calor da novidade aquilo era bom, mas esse bom apenas disfarçava o fantasma que me assombrava. Como eu? A criança que nunca parou de desenhar e logo se tornou professora de artes, poderia estar satisfeita com os resultados? Quando uma parte dos seus alunos se recusava a desenhar. Olhava para aquele cenário e me sentia impotente. Pensava “*meus alunos crescem e desenvolvem tantas habilidades sem recusa, eles escrevem melhor, leem melhor, até sua interpretação numérica está melhor, a cada ano eles ficam mais habilidosos, mergulhando sem descompromisso ao seu desenvolvimento escolar, sem recusar a dar continuidade*”.

E partindo desse desconforto que vinha a me “assombrar” no 5º ano, eu me perguntava. “*O que aconteceu para os meus alunos começarem a ter medo de desenhar no fim da infância?*”

² Após os esforços pós-modernos para mudança do consciente social, a professora Ana Mae nos apresentava a Abordagem Triangular que se caracterizava em 3 pilares para o ensino de arte, o ver, o contextualizar e o fazer. Este é um processo para gerar conhecimento a partir da reflexão, por exemplo, sobre o nascimento de uma obra plástica. Essa abordagem também é flexível, o professor pode se apropriar e adequar as suas necessidades e recursos.

Por que essa recusa não aparece nas séries anteriores? Esse movimento é resultado da minha influência na sala de aula? Mudando minha estratégia e abordagem, consigo fazer com que eles retornem a desenhar como antes? ”

Antes de evidenciarmos as estratégias que foram adotadas para dar corpo a essa pesquisa, partindo das questões acima, vamos às apresentações das partes, o que se torna imprescindível para justificar a relevância nos espaços em que a pesquisa ocorreu.

O início dessa intervenção aconteceu no segundo semestre de 2022, teve a participação de 33 alunos denominados coletivamente no nosso texto como a turma da sala 10, ou o 5º ano 1, e para preservar suas identidades iremos identificá-los apenas com as iniciais dos seus nomes, como também os seus rostos estarão vedados nas fotos aqui presentes.

O ambiente físico em que atuamos foi a sala de aula e outras áreas na Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, situada na Rua Enzo Ferrari, S/N, Colônia Oliveira Machado, em Manaus/AM. Ela foi inaugurada no dia 05 de abril de 2004, e instituída através do Decreto nº 24.152 de 12 de abril do mesmo ano, e até o encerramento do ano letivo ela atendia 366 alunos distribuídos em 11 turmas. A escola foi construída em região periférica, próxima ao rio, e 51,2%³ dos responsáveis pelos estudantes trabalhavam de forma autônoma por meio da pesca, feira e pequenas vendas aos arredores. Por essa e outras razões, essa escola foi inserida, estrategicamente, pelo Governo do Estado do Amazonas nesta localidade, visando oportunidade de crescimento através de formação integral para as novas gerações.

A questão que norteou toda a pesquisa se baseou na percepção de um problema, onde uma parcela significativa dos discentes, no caso, os alunos da sala 10, apresentavam desconforto ao realizar atividades que envolvessem o desenho artístico. O que me deixou inquieta foi observar que esse problema não tinha sido rastreado nessa turma em séries anteriores e a partir desse comportamento, eu, a professora de arte que os acompanhava por 3 anos, questionava se era possível encontrar uma maneira de gerar uma quebra de perspectiva no grupo, pois até o momento eu não tinha conseguido muito êxito.

Para tanto, esta proposta foi construída durante minha formação no Programa de Mestrado Profissional em Artes Prof-Artes, com as IES associadas UFAM/UEA, sendo orientada pela professora Dra. Rosemara Staub de Barros. Observando que aqui não cabiam meus textos iniciais, responsáveis pelo meu ingresso no programa, visto que ao ser girada a chave do amadurecimento acadêmico, iniciei uma nova mudança na minha abordagem por meio

³ No início de 2022 foi realizado um levantamento para os pais e responsáveis de alunos, e por meio de formulário online nos foi gerado essa percentualidade para a atualização do Projeto Político Pedagógico - PPP, no qual fiz parte da equipe de formatação (BARBOSA, 2014).

da descoberta de outros caminhos, outras conversas e outras reflexões. O que temos aqui é uma pesquisa-ação, e como faço parte do objeto desta pesquisa, aqui também estão presentes recortes dos meus comentários bem como os comentários dos meus discentes. Há nessa leitura, fragmentos de memórias sobre minhas atividades como educadora, minha autoavaliação no exercer da profissão, assim como minhas inquietações e pensamentos íntimos, todos alinhados à escrita qualitativa, embasada e discutida, na qual a própria natureza acadêmica deste artigo solicita.

Desde criança meus professores e a liberdade que tive em casa para explorar meus desenhos, influenciaram o modo com que vejo os meus alunos, e antes de falarmos sobre essa lente, convido-os a conhecer-me um pouco nesse breve memorial.

Na minha infância, eu ainda não via nas minhas ações um envolvimento com arte. Eu ainda não tinha ideia de que carreira seguir, pois, tudo que eu aprendia era interessante, e tudo o que eu aprendia tinha forma, eu as registrava no papel na escola, nas grades da cama quando me escondia por debaixo dela, nas paredes do meu quarto, na tela de um computador e me perdia na hibridação entre o que era aprendido e o que era inventado.

Foi na adolescência que me apaixonei pelo cinema de animação, ao entrar numa sala escura e perceber todas as combinações de arte que tinham naquela cena, feita por uma equipe, um trabalho coletivo onde todos tinham um papel, um esforço. Aquilo que eu consumi naquela sala escura me causou *catarse*⁴, até hoje lembro da emoção que senti e foi essa emoção que me guiou a estar aqui e a caminhar por onde trilhei. Antes da minha graduação em Artes Visuais em 2015, fiquei alocada por 3 meses no município de Bindlach, na Alemanha, onde uma grande amiga chamada Marlene Zaits viabilizou um maior contato cultural, pois ela sabendo da minha afinidade com as artes, levou-me a museus, centros históricos, igrejas, cinemas, universidades e escolas, para poder ver o quanto os alemães se conectavam com as obras presentes por lá. Da criança ao idoso, pude ver em seus olhos e na fala daquelas que arranhavam o português/espanhol, a paixão pelas criações humanas que existiam ali. A partir daquela experiência comecei a me questionar o porquê de eu não compartilhar os mesmos sentimentos sobre o quê de artístico tinha no meu país.

Voltando da viagem, ingressei na Universidade Federal do Amazonas em 2011 e lá pude aprender mais coisas. Infelizmente na minha formação básica eu não tive tantas aulas de artes como gostaria, existia no currículo, mas, na prática era uma extensão de outra disciplina.

⁴ A definição de *catarse*, orbita em torno de muitas áreas, impregnada de diferentes maneiras o seu sentido. Aqui essa palavra substitui a ação de purificar através da emoção. Sueli Ferreira (2012, p.132).

Durante a minha graduação comecei a dar apoio em sala como monitora, depois me interessei em congressos, mas não era ativa, eu fazia parte da organização e controle de apresentação com o Professor Dr. Carlos Rojas. Meu gosto pela pesquisa acadêmica iniciou com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, no qual me interessou pesquisar sobre as influências das artes plásticas para o cinema de animação.

Após minha colação de grau, iniciei a carreira como professora em 2016 pela SEDUC, onde precisei morar em Itacoatiara para ministrar aulas para 24 turmas do ensino fundamental II. Foi muito cansativo e infelizmente desenvolvi problemas articulares devido ao excesso de movimento para corrigir cadernos, lançar notas e as inúmeras horas em pé. Mas quando soube do projeto das escolas de tempo integral para o ensino médio com 2 horas aulas para o componente de arte, fui trabalhar com um público menor, com mais idade e onde eu poderia usufruir de mais horas fora de sala para realizar projetos. Embarquei em diversas ações na escola, dando visibilidade às artes visuais. Iniciamos um grupo de pintura, uma equipe para promover mídias digitais na escola e junto de alguns alunos realizamos projetos para o Programa Ciência na Escola - PCE, mas por questão de saúde precisei retornar para Manaus e assim ter minha primeira experiência com crianças.

Retornando ao artigo, justifica-se a relevância dessa proposta ao apresentarmos duas particularidades decisórias, cuja primeira é o propósito do Prof-Artes que, ao oferecer formação continuada para os professores que exercem docência na educação básica das redes públicas, direciona a pesquisa para a perspectiva do ensino de arte na escola. Considerando mais um adicional, essa pesquisa foi inspirada tanto quanto orientada diante de um trecho encontrado na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, onde é possível observar relevância na compreensão e compartilhamento “das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, podendo acontecer [...] ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo” (BRASIL, 2018, p.193).

A segunda particularidade emergiu na construção do Estado da Arte, que se baseou na filtragem das palavras chaves: ensino, desenho e a/r/tografia, relacionadas ao objeto central da problemática. Ao ser feito o corte temporal de 5 anos, de 2017 a 2021, com preferência nas redações nacionais, constatou-se a escassez de material publicado que compartilhasse similaridade com essa proposta, desamparando referências atuais condizentes com a realidade do ensino contemporâneo em arte.

PALAVRAS DE FILTRO	PUBLICAÇÕES NAS BASES DE DADOS		
	Pergamum	Google Acadêmico	SciELO
DESENHO	308	53.100	1.786
DESENHO + ARTE	20	23.100	44
DESENHO + ARTE + ENSINO/ESCOLA	6	21.400	0 de 3
DESENHO + ARTE + ENSINO/ESCOLA + A/R/TOGRAFIA	0	4 (condizente com a pesquisa) de 228	0

Tabela 1 - Visão compacta da pesquisa para o Estado da Arte.

Para falarmos um pouco mais da problemática, tem-se o fato da Licenciatura Plena em Artes Visuais autorizar-me a ministrar em todos os níveis da Educação Básica e nessa experiência pude observar nos meus alunos de 11 a 22 anos uma resistência para desenhar, e antes de trabalhar com crianças menores, eu encarava esse problema com a ideia de aquilo ser parte da característica individual que acompanhava alguns alunos. Ouvindo suas queixas sobre os seus incômodos, meus alunos pronunciavam suas crenças, da não capacidade em dar início ao exercício do desenho por não terem habilidade, talento, domínio de técnica, o “suficiente”. Eu discordava, pois acreditava que esse comportamento era resultado dos diferentes graus de estímulos e de poucas referências gráficas que tiveram contato nas primeiras séries.

Quando fui lecionar no fundamental I, onde estou desde 2020, mudei minha perspectiva ao observar que quase todas as crianças de 05 a 07 anos desenhavam com ousadia, segurança, e riqueza de cores e linhas, sem se sentirem intimidadas com a prática, pareciam ter nascido para aquilo. Mas por volta dos 9 a 11 anos de idade, percebeu-se uma relutância para continuarem a desenhar, salvo os poucos que, por gosto e prestígio dos colegas, acabavam se “especializando” na prática. Essa era a minha análise inicial, e a partir dela foram estabelecidos e executados os objetivos desta pesquisa.

O objetivo principal foi refletir a dinâmica que nós, como sala de aula, percorríamos para compreender a importância em dar continuidade a prática do desenho, por meio dos caminhos que a pesquisa-ação pudesse conduzir. Ainda com os verbos no infinitivo, os objetivos específicos se dividem em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na aula de arte; Elaborar uma proposta de atividade com base na Metodologia A/r/tográfica que oportunize o grupo a encontrar meios de superação referente a

problemática; Realizar a construção individual de diários gráficos que serão usados pelos discentes para mediar seus processos de aprendizado e criação.

Ao serem observadas as dificuldades que a maioria dos discentes do 5º ano 1 demonstra, turma que mais apresentava evidências e por isso fez parte dessa ação, trouxemos como questionamento inicial, se a adoção da Abordagem A/r/tográfica é a melhor estratégia para diminuir esse incômodo sobre o fazer desenho, baseando-se numa breve experiência que a docente teve com a A/r/tografia, em que precisou sair do seu estágio atual como profissional e seguir para uma dinâmica onde o trabalho coletivo valorizasse o subjetivo.

Nesse escrito abordamos vários processos: O da professora como profissional associando-se aos caminhos reflexivos oferecidos por meio da A/r/tografia, onde é vista a necessidade de partir do incontentamento para um experimentar dentro do seu espaço de trabalho e por meio dos seus recursos para gerar outras formas de conhecimento baseado na prática; A dos estudantes na sua busca por certezas, mergulhados na insegurança sobre a exposição do seu íntimo, onde foram orientados a construir e adotar cada um, um diário gráfico como ferramenta de registro gráficos para realizarem pesquisas externas e internas. Para essas pesquisas tivemos o apoio dos artistas de mural Deborah Erê e Raiz Campos que através da transparência das suas palavras, mostraram para essa turma uma nova perspectiva sobre seus desenhos; E o último macroprocesso foi a da própria investigação relacionada a pesquisa-ação, desenvolvida através da análise de observação de campo, gravação dos relatos, captura de fotografias, rodas de conversa, dinâmica grupal e descrição das ações até o produto final, a mensagem, desenvolvidos pelos estudantes.

2 METODOLOGIA

Em sinopse, esse texto tratou de forma qualitativa as interpretações, movimentos e análises gerados aqui. Para maior especificidade, essa escrita se classifica como uma pesquisa-ação, um estudo de caso, no qual a neutralidade da professora foi diluída diante sua participação ativa no grupo. Também, por se tratar de uma investigação no âmbito da educação em artes visuais, foi legitimada a adoção da Abordagem A/r/tográfica como instrumento de percepção, no qual, a docente pode se encontrar no entrelugar⁵.

⁵ Termo citado por DIAS e IRWIN (2013, p.129), em que A/r/tografia é situada ao abrimos espaços entre os espaços, para o artista, pesquisador e professor. E durante a pesquisa, por várias vezes eu acreditei que estava saindo do caminho, mas me lembrava que era preciso fazer trilhas ramificadas para me situar nesse entrelugar. Me perder para me encontrar e assim me debruçar no intercâmbio das compilações de conhecimentos, práticas, complicações, no qual, mantinha a pesquisa viva.

É importante esclarecer a necessário de permanecer aberto os inúmeros processos que aqui existem, sei que não é muito agradável romper um fluxo de leitura que se sustenta numa lógica, no qual é forçado outro direcionamento de análises dentro do texto. Mas lê-lo da maneira que se encontra, sem rigidez na escrita, aproxima aqueles que aqui estão a perceberem por meio da experiência o que as pessoas do estudo sentiram e perpassaram na chegada do “fim”. Todos as escolhas, astutas ou não, nutriram em dimensões o rizoma que crescia com conhecimento que já existia no local.

A partir da observação do problema, elevei inúmeras hipóteses discutidas com minha orientadora, colegas de formação e meus alunos. Então percebemos que esse padrão se repetia com outros profissionais de ensino de arte nas escolas públicas de Manaus. Também averiguamos sua existência nos relatos das escritoras Mirian Celeste, Gisa Picosque e Terezinha Guerra (2010), onde constatamos que esse problema não era exclusivo da região norte e ainda menos do período em que nos encontramos. Então, para condensar, a pesquisa foi recortada na proporção do atual cenário. Tomei cuidado para não assumir apenas o papel de espectadora nesse processo. A organização desse roteiro baseou-se nos textos de Michel Thiollent (2002), tendo em vista que a pesquisa-ação de Thiollent é flexível a possibilidades mais estendidas. Porém, este planejamento foi desenvolvido em 3 seções: a fase exploratória, a fase hipotética e a fase de ação.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 FASE EXPLORATÓRIA: o desenho das crianças da EETI Roxana

Foi na fase exploratória, ocorrida de fevereiro a maio de 2022, que pudemos observar com mais atenção as pistas deixadas pela turma sobre a resistência em realizar desenhos durante a aula. Em contrapartida, eu já ministrava aulas para esses mesmos discentes por aproximadamente 3 anos, mas era o primeiro ano que os tive de forma presencial em todo período escolar⁶. No início deste ano rastreei uma crescente relutância nesse grupo para a prática de desenho, que não era visto com tamanha proporção na outra turma da mesma série

⁶ Em 17 de março de 2020, as aulas presenciais foram suspensas na EETI Roxana. Decretado a obrigatoriedade do Governo do Amazonas em realizar um plano de contingência para evitar a infecção humana que se alastrava durante a pandemia mundial. Foi decidido pela Secretaria que as aulas fossem conduzidas remotamente para aquele e para o próximo ano.

escolar. Porém, eu já tinha observado, com despreocupação, esse padrão nas turmas, do 2º ciclo, de anos anteriores no período epidêmico.

O que me preocupava e me lançou nesta investigação foi perceber que o desenho felizmente é bastante difundido em todo o ensino básico e em diversos componentes curriculares, mas existe um certo compromisso de este ser relativamente mais explorado como base na linguagem e expressão nas aulas de arte. E compreendendo isso, me questionei se talvez de forma discriminada minhas abordagens usando o desenho como elemento formativo, fossem inadequadas e até mesmo castradoras para aqueles alunos.

Para esclarecer minha preocupação, em 2020, logo que ingressei no curso de formação do Prof-Artes, fui lotada na escola Roxana. Na época, essa turma ainda não estava sob minha mira, eles cursavam o 3º ano do Ensino Fundamental I tinham em torno de 8 a 9 anos de idade. Eu adentrava aquela nova realidade social e etária migrando do Ensino Médio e a partir do choque inicial precisei me readaptar, pois não imaginava que os movimentos das crianças com as aulas de arte fossem tão intensos, realmente havia uma cratera que diferenciava o cenário atual com o que eu já estava naturalizada.

Na época, essa turma recebia as minhas aulas com muita euforia que era medida através de gritos, pulos e abraços coletivos. Primeiro eu fiquei bem entusiasmada e imaginei que aquele carinho expressado pudesse ser o pivô de inúmeros projetos, porém aqueles estímulos me deixavam atordoada e atrapalhavam o meu desempenho. Às vezes eu ficava tonta, muito irritada e sentia dores de cabeça o dia inteiro, acabava não deixando meus alunos interagirem tanto comigo, mas era perceptível que a cada risco ou ousadia no desenho eles buscassem algum sinal de aprovação, ou acolhimento do que estavam desenvolvendo.

No começo eu sempre dava os feedbacks, mas com o tempo as 8 horas/aulas atendendo muitas crianças se tornavam inviáveis a minha condição de saúde. Hoje com ajuda terapêutica, descobri que tenho sensibilidade sensorial ao movimento e a sons agudos, mas na época eu fiquei preocupada com a ideia de talvez não conseguir intermediar o ensino de arte naquela escola.

Através de, algumas estratégias e conversas com os discentes e professores regentes, consegui aos poucos tecer alguns procedimentos para adaptação. É incrível a capacidade de adaptação das crianças, elas conseguiam na maior parte do tempo regular a intensidade do som e dos seus movimentos para que as aulas não fossem interrompidas. Conjuntamente, iniciei o uso de um projetor multimídia, uma mesa digitalizadora e um notebook para trabalhar o que eu havia proposto no plano.

Meus planos foram baseados nas sugestões de aulas presentes no diário digital do Governo do Estado do Amazonas de 2020 a 2022, no Referencial Curricular Amazonense do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais - RCA/2018 e na Base Nacional Comum Curricular - BNCC/2018. Durante as consultas daqueles documentos percebi que no componente de arte era esperado que os discentes desenvolvessem habilidades para explorar, reconhecer e construir materialidade por meio individual e coletivo. Não que os outros aspectos fossem nulos, mas um aprendizado mais significativo e menos abstrato para aquela idade ocorria através da vivência. Viver em arte é explorar o “eu”, o “nós”, o “espaço”, é brincar com os elementos visuais, com as possibilidades do corpo, e com a propagação do som.

Ainda em 2020, antes mesmo da chegada do segundo bimestre, toda a comunidade escolar precisou passar por adaptação, na qual, as aulas foram realizadas no espaço doméstico por meio de videoconferência, canais de televisão e suporte de atendimento do professor por aplicativos de mensagens. Foi identificado que naquele ano, menos da metade dos alunos matriculados na escola acompanhavam as aulas. Os responsáveis alegavam que eles não conseguiam se adaptar à rotina ou não tinham acesso à Internet, TV, e aparelhos para conexão. Os poucos que pude acompanhar eu oferecia vídeos gravados semanalmente de 3 a 10 minutos, compartilhava no grupo da turma o material para assistirem. Porém, no início de 2021 foram necessárias mudanças na estrutura de aulas, após muitas reclamações de pais sobre o volume de informes e entrega de atividades que sobrecarregavam seus aparelhos, por isso foi sugerido pela coordenação que as atividades fossem sistematizadas para leitura em PDF. Semanalmente começamos a enviar material que abordava conceituação, interpretação de imagem e texto.

Foi então que percebi que o desenho como atividade às vezes era realizado por outros membros da família. Acredito que eles sustentavam a ideia de que um acabamento mais técnico aumentava as notas da criança, por vez, eu conversava com os responsáveis para que a criança realizasse sozinha suas atividades, explicando que meu sistema de avaliações era voltado para o desenvolvimento individual na disciplina, onde eu conseguia reconhecer o eu da criança no exercício entregue. No *QR Code* abaixo é possível acessar, por meio da câmera do *smartphone*, uma pasta com as aulas adaptadas oferecidas em 2021, além dos planos de aula desenvolvidos nos outros anos.

Figura 1: QR Code com planos e aulas em PDF



Fonte: Código gerado pelo site <https://www.qrcodefacil.com/>

Ao retornarmos para as aulas presenciais em 2022 percebi que aquela turma eufórica tinha mudado de postura, já não os reconhecia mais. E logo no primeiro bimestre quando propus uma atividade em que eles desenhassem seu lar, sua família e suas lembranças do período de férias, aparecerem nos primeiros minutos aqueles que resistiam em realizar a atividade (a maioria). Quando decidiam fazer, recorriam a modelos vindos de referências pedagógicas, com telhados triangulares, chaminés quadriculadas, macieiras e portas arqueadas, diferente das características reais da região. Ao perguntar para os alunos como era ter uma chaminé em casa, eles diziam que não tinham, só as colocaram porque achavam bonito. E observando todo o desenho, confirmei que realmente estava bonito, mas que seria “bacana” se eles desenhassem também as formas que lembrassem suas casas. Naquele momento iniciou uma onda de negação, os discentes contra argumentavam dizendo que não sabiam fazer outros desenhos além daqueles modelos. Eles não tinham mais lembranças dos seus repertórios? Em anos passados foi apresentado e desenhado pelos alunos outras casinhas, outros telhados, outras paisagens e tantas outras formas.

Para perceber se esse comportamento era exclusivo dessa série/turma levei a mesma proposta a outros alunos e percebi que havia uma diferença de reação nas outras séries. Do 1º ao 3º ano eles desenhavam suas casas e seus familiares da maneira que lembravam, adicionando detalhes imaginativos ou de referências. Nessas turmas eram poucos os alunos que copiavam o estilo do colega. Comecei a questionar o porquê dos meus alunos da sala 10 se negarem a desenhar à própria maneira, algo que eles conheciam a vida inteira? O que causava esse medo? Essa ansiedade que os paralisam, seria um começo do viés de *status quo*⁷? Eu teria falhado

É uma expressão em latim, um termo comportamental que apresenta a ideia na preferência de uma pessoa em permanecer no seu estado atual, por sentir uma pequena aversão às mudanças de comportamento. Trazemos essa noção baseados no fato de mais da metade daquela turma ter ficado por quase 2 anos, sem realizar quaisquer atividades de arte.

como docente no processo? Eu poderia ajudar a ressignificar esse bloqueio? Na próxima fase, a hipotética iremos abordar essas questões.

Abaixo, escolhi 3 desenhos que representam uma interpretação mediana dos estilos de desenho de 3 séries da EETI Roxana. Para comentar, os alunos mais jovens representavam as formas do cenário o mais fiel às suas lembranças, basicamente suas preocupações eram em realizar a atividade o mais caprichado possível, na visão deles o desenho só estaria completo se as formas fossem pintadas por uma grande variação de cores. Enquanto os alunos do 3º ano, se esforçaram para representar com mais detalhes o cenário, as cores iam perdendo predominância, e por escolha estética faziam um cruzamento do que era lembrado, com o imaginado e referenciado. Mas ao chegarmos nos trabalhos do 5º ano foi visto que o cenário era representado com formas simples, poucos eram os desenhos que estavam coloridos. Mesmo que em teoria eles possuíssem mais horas/anos de prática, suas preocupações em terminar o exercício o mais rápido possível tinha certa prioridade, caindo a “qualidade no acabamento”.

Sei que parece prepotente uma professora de arte comentar a qualidade do desenho do seu discente, havendo no seu repertório inúmeras falas e obras modernas que questionariam essa frase, e mais além, contradizendo a filosofia que existe nos trechos, em que ela se apoia, de Rita Irwin e Stephanie Springgay (2013, p. 138 - 141), onde uma professora a/r/tografa percebe seu meio com um espaço inconstante coberto por movimento, imagens, processos, visualidades, que não segue uma estrutura linear ou sequer rígida. As trocas do sujeito com o espaço devem ser recíprocas e complementares.

Não que o meu comentário julgue a falta de compromisso do meu aluno, mas esse comentário apresenta na sua interpretação, que foi percebida nesse meio, a existência de um certo medo, no qual algumas crianças cobriam suas criações de quaisquer visões que não fossem a minha, deixando transparecer uma certa ansiedade em terminar rápido sua atividade, onde especulo a necessidade do conforto no anonimato.

Figura 2: Desenho de uma aluna do 1º ano



Fonte: acervo pessoal (2022)

Figura 3: Desenho de um aluno do 3º ano.



Fonte: acervo pessoal (2022)

Figura 4: Desenho de uma aluna do 5º ano



Fonte: acervo pessoal (2022)

Em busca de outras interpretações, apresentei essas situações a alguns colegas da minha turma do Prof-Artes, no qual geramos a ideia de que no cenário dos alunos mais velhos, havia itens que lembravam casas europeias, e aquele problema poderia ser um reflexo de influências coloniais que ainda ressoavam na escola. Buscando minha orientadora, ela trouxe o relato de outra orientanda que descobriu que os desenhos de observação trazidos por seus alunos pintados apenas com uma cor era consequência da disponibilidade de apenas um lápis para colorir. E como essa aluna, talvez a minha dúvida devesse partir de uma conversa entre mim e os meus alunos. Ouvindo aquilo, percebi que eu deveria abordar essa dificuldade de maneira coletiva e individual, explorando outros elementos da linguagem visual em diferentes formas e ocasiões, para deduzir se essa dificuldade era percebida em outros contextos.

Confiando na minha formação em Artes Visuais e percebendo que a recusa daquela atividade e de outras que envolviam o desenho influenciava na qualidade da minha prática como docente. Passei a conversar com a turma na esperança de que eles pudessem oferecer indícios e de como eu poderia elaborar aulas mais assertivas. Contudo, eu ainda carregava a percepção de que aquele comportamento se tratava de gosto, acreditando que com o crescimento da criança, alguns sujeitos não tinham mais afinidade com a linguagem. Esse primeiro pensamento surgiu através da comparação de situações que observei antes de ministrar no Ensino Fundamental I, quando eu ministrava aula de arte para o Ensino Médio e o Ensino Fundamental II.

Ainda na primeira fase, utilizamos a escuta como recursos na sala de aula, aproximando os estudantes sem imposição hierárquica a mim. E trouxe para o meu repertório a adoção de uma educação com base na busca de compreensão integral do ser em formação, no qual incentivei todas as crianças, principalmente aqueles que apresentavam, inquietude, dificuldades cognitivas e motoras, timidez e outros aspectos a ficarem mais “livres” durante a prática. Mas com a ressalva de reduzirem o estrondo em sala.

Aqui eu já modelava uma visão mais holística e enaltecia o meu trabalho, tornando-o mais significativo tanto para mim quanto para eles. Nesse processo, os discentes expuseram suas opiniões e sentimentos por meio de conversas em grupo, que iam fluindo no decorrer das semanas. Eles ficavam mais à vontade para fazer ou não fazer a prática e iam descrevendo seus pensamentos, medos e sentimentos. Ao ouvi-los percebemos que o problema era mais apegado às influências sociais do que a própria afinidade do estudante. A partir daqui entramos na fase hipotética.

3.2 FASE HIPOTÉTICA: o problema em desenhar

É na fase hipotética que contestamos as frases do “*eu não quero desenhar*”, “*eu não gosto de desenhar*”, “*eu não sei desenhar*” etc. Frases usualmente faladas por quase a metade da turma do 5º ano 1, contrariando a capacidade natural de criar e experimentar daquelas crianças que ironicamente exaltavam essas características nas outras atividades que envolviam a pintura, o recorte e a colagem. Parecia que o que era novo, as novas ferramentas e meio de produção, se tornava mais interessante para essa turma. Excluindo a hipótese de uma possível aversão dos alunos às mudanças de situações familiares, que é previsto no *status quo*.

Mas ao analisarmos a redução de aulas e sistematização do conteúdo, percebemos algumas congruências. Em um primeiro momento, poderíamos dizer que a adaptação de aulas não influenciava no comportamento, pois o ensino de arte apesar de ter suas matrizes, nos primeiros anos oferece ao professor mais flexibilidade na sua abordagem.

E hipoteticamente se eu trabalhasse com outra linguagem usando, por exemplo, a performance em todas as minhas aulas, mas continuando com os mesmos conteúdos que trabalhei com essa turma, esse problema não seria visto, nem mesmo existiria. Assim, como para mim, outras dificuldades em arte que talvez existam na minha turma, não seriam rastreadas diante a limitação da minha preferência de linguagem. Mas, o fato de os alunos estarem em casa fazendo suas atividades tendo auxílio dos seus familiares, aproxima-nos da consciência de que

o ambiente influenciou sim no surgimento do receio em desenhar. E de acordo com a pesquisadora em arte Derdyk (2020), o desenho tem a capacidade primária da exposição íntima do egocentrismo infantil, ao desenhar a criança manifesta como se sente existir.

Desenhar revelava sentimentos de incertezas, apresentado em diálogo, onde os alunos informaram que havia uma autocobrança, pois seus responsáveis, frutos de um antigo sistema de formação, carregava a concepção de que o desenho tem força técnica na reprodução. Esse movimento não validava as tentativas, causando insegurança sobre o que eles faziam ou experimentavam com o lápis. Para não nos alongarmos em uma discussão no espaço da metodologia, retornaremos para a análise do sentimento de desconforto da criança.

Para entender esse problema, associamos nossas observações com alguns estudos, incluindo a percepção da psicologia no desenvolvimento infantil. Em teoria, o surgimento do medo, da não aprovação de terceiros, é um sentimento que pode ser interpretado como o desabrochar de um gatilho de experiências negativas, onde a criança antes de explorar o papel do seu caderno, já tem a capacidade de projetar em si referências internas e/ou externas cruzando-as com as experiências já vivenciadas. Uma habilidade que se desenvolve nessa idade, próximo a adolescência, assim explica Lowenfeld (1977), onde se aflora o instinto de proteção contra qualquer coisa que possa implicar na necessidade da inclusão social do infantil.

Mas em contrapartida, trazendo o viés da educação, com a teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott (1960), onde ele apresenta inúmeros estudos que defendem, que no fim da infância e início da adolescência, a criança rompe com o meio familiar e começa questionar padrões dos pais e professores. Percebendo as novas relações afetivas, nas quais tem tanto apreço e se espelha. Aqui é trazida a ideia de que esses “nãos” contestam minha posição na sala, com a mudança no modo de perceber a professora em sala, dissolvendo a figura da virtuosa. Sobre esses vértices, sem nos aprofundarmos na expansividade dessas pesquisas, por não termos a sustentação de um olhar pericial em comportamento, como professora vejo pertinência nas pistas deixadas e pressupostas, de onde apresento a ideia de que a criança do 5º ano 1 projeta tanto nos seus colegas, quanto nos seus pais e professores, uma necessidade de apoio social, acolhendo-se em grupos de afinidades, transvestindo-se aos poucos com algumas máscaras e verdades idealizadoras.

Esse movimento social é natural da humanidade e uma professora ímpar não poderia romper sozinha a repulsa de alguns alunos que veem no desenho um perigo, ao demonstrarem suas diferenças no modo que tratam a linha. Mas como agir? Se isso implica diretamente na minha performance como docente? O melhor caminho é redirecionar minhas abordagens para

outras manifestações de arte? ou trabalhar esse desconforto como parte do desenvolvimento da autonomia do estudante contemporâneo em arte? Com todas essas hipóteses.

Thiollent (2002) insinua que:

Tanto no plano descritivo como no normativo, as hipóteses ou diretrizes são sempre modificáveis ou substituíveis em função das informações coletadas ou dos argumentos discutidos entre pesquisadores e participantes. Além disso, lembramos que, no planejamento de uma pesquisa, não se encontra apenas uma hipótese e sim uma série de hipóteses articuladas em rede na qual diversas sub-hipóteses contribuem para sustentar uma hipótese principal. (THIOLLENT, 2002, p. 57).

Assim, trazendo uma sustentação principal. Foi necessário que no meio de tantas informações eu assumisse o papel de artista-pesquisadora-professora e começasse a trabalhar os indicadores.

Determinamos que o seio desta pesquisa se encaminha na compreensão, valorização e incentivo do coletivo para o individual, com o desafio de mudar sutilmente a fala do “*eu não*”, para o “*eu irei tentar*”, nisso escalamos o uso do diário gráfico como uma ferramenta de intermédio do processo de criação dos meus alunos. No qual, é importante trazer que em um exercício anterior usando um caderno, outras crianças demonstraram satisfação e salientaram o desejo de refazer a atividade com seus colegas. Diante desse apelo, nossa intervenção percorreu para o planejamento de um projeto de ação, envolvendo o uso dos diários gráficos como um caminho em que os alunos catalogaram suas experiências e investigações discretamente e com mais intimidade. Esse objeto foi o intermédio para a materialização de um produto.

Mas para a desconstrução dos pré-conceitos existentes nos grupos, agregamos na turma a habilidade de analisar e refletir em frente aos trabalhos processuais de dois artistas que apresentamos. Os diálogos que ocorreram sobre sentimentos, inspirações e experiências dos artistas Deborah Erê e Raiz Campos, provocaram grande impacto naqueles aprendizes. Em Manaus os artistas são reconhecidos por produzirem murais urbanos que apresentam estilo de arte figurativa estilizada, muito apreciada pelo 5º ano 1. É importante frisar que houve um encantamento da turma no fim do ano passado quando foram abordadas em aula as manifestações artísticas desenvolvidas no espaço urbano.

Percebendo que todos os caminhos que se enraizaram a partir do nosso problema inicial, levantaram questões: as minhas dificuldades em ministrar usando a materialidade do desenho; a percepção de um sentimento em comum dos alunos em frente aos seus processos de criação e o desejo em trilhar um novo caminho por meio dos diários gráficos. Nesse trajeto já é exercida

a a/r/tografia, constatando que na sua filosofia ela é uma forma de compreender a produção de conhecimento, por meio do incontentamento. (IRWIN, 2013).

Para respaldar, foi estabelecida a sistematização desse texto metodológico para não haver fuga em meio às diversas aberturas de reflexão que nos impulsionam a pensar em situações relacionais que “provocam sentidos através da contemplação, complicação e modelos alternativos de espaço e tempo”. (IRWIN, 2013, p. 138). A partir de agora, nossas preocupações textuais irão percorrer na descrição da ação, com menos obrigação técnica.

3.3 FASE DE AÇÃO: intervenção

Pensando na elaboração da ação, desenvolvemos todas as partes deixando em segredo dos alunos o percurso, conteúdo, materialidade e duração. Normalmente, eu antecipo a informação de como seriam as próximas aulas, mas nessa ação, nosso movimento era para que o grupo fosse surpreendido a cada etapa. Adotando essa estratégia, pudemos observar a experiência dos alunos no presente, não projetando suas reações e sentimentos por rede. O que queríamos era poder capturar a autenticidade dos seus movimentos, nos clicks das fotos, nas gravações dos seus comentários e de quaisquer novas direções que surgissem. Apesar deste projeto ter iniciado com um planejamento, nosso produto surgiu na exploração do meio, apresentando um resultado intenso, “um grito” do inconsciente das crianças para que fossem validados seus pensamentos e sentimentos. Nossa ação iniciou-se em setembro de 2022 e durou 6 semanas e 14 horas. Da apresentação da proposta aos pais à curadoria final dos trabalhos na sala de aula.

Na primeira semana foi realizada uma reunião com os responsáveis dos alunos da turma do 5º ano 1, onde um canal de diálogo se iniciou, transparecendo o diagnóstico visto na turma, as autorizações necessárias e quais posturas e movimentos a professora iria adotar nesta pesquisa-ação. Também foi informada a importância dessa ação sobre os aspectos de desenvolvimento dos alunos; o amadurecimento didático da professora e a gestão de dados para futuras pesquisas acadêmicas envolvendo arte e educação.

Na semana consecutiva, a turma novamente recebeu seus diários para completar as identificações que ainda não tinham sido concluídas na produção desses em junho. É válido informar que anteriormente, quando essa ação ainda era uma proposta, os 33 alunos da sala 10, construíram seus diários gráficos, sem saber qual a finalidade do objeto. Nas imagens abaixo vemos registros desse processo.

Figura 5: a escolha do tamanho A5 para os diários gráficos



Fonte: acervo pessoal (2022)

Figura 6: aluna confeccionada os diários



Fonte: acervo pessoal (2022)

Figura 7: 5º ano 1 personalizando as capas na sala de aula



Fonte: acervo pessoal (2022)

Figura 8: um momento para apreciação das capas



Fonte: acervo pessoal (2022)

Para não quebrarmos o cenário descritivo, é interessante apresentar um resumo do processo de elaboração desses diários, para então prosseguirmos explorando a significância deles para os alunos.

No primeiro momento, na figura 5, surpreendi a turma mostrando 3 tamanhos de caderno de desenho, o A3, A4 e A5. Informei que naquele dia através de votação democrática eles iriam eleger um único tamanho para todos terem uma mesma base de trabalho no futuro. A partir da escolha do A5, nossa materialização foi realizada com dois tipos de papel, para a

capa escolhemos o papel Kraft, identificada com a palavra arte, e para as folhas internas utilizamos o papel branco com gramatura 200. Não foi uma boa escolha a seleção da gramatura das folhas internas, elegemo-la pensando numa possível pintura a guache, mas os alunos tiveram certa dificuldade ao dobrar as páginas, e mesmo com o suporte de uma liga o diário não fechava com facilidade.

Com os diários prontos, foram disponibilizadas 2 horas ininterruptas de aula para a estilização das capas. Os alunos puderam identificá-los da maneira que quisessem, trazendo sua identidade para aquela materialidade. A princípio, eles realizaram o trabalho individualmente, mas com a disposição de tantas cores, materiais e liberdade para explorar, alguns grupos foram formados. Ironicamente, nenhum trabalho teve a predominância do desenho na capa, mesmo com a oferta de materiais como canetinhas, pincéis hidrocor, lápis arco-íris e outros que simulassem linhas. Foi identificado a preferência por colagem, adesivagem e pintura. Mas os desenhos estavam ali, melindrados nos detalhes.

Figura 9: as capas prontas dos diários gráficos



Fonte: acervo pessoal (2022)

Sentimentos de euforia e frustração surgiam com a finalização das estilizações, alguns alunos ficaram muito orgulhosos das suas produções, mostrando para os mais íntimos como conseguiram chegar nos seus resultados, outros me apontavam “erros que tinham comprometido” no acabamento da capa. Devido a autorização que tiveram para se concentrar na experiência de criação, muitos sujaram suas mãos, o chão com tinta e cola, mas uma aluna

acabou extrapolando e derramou um pote grande de tinta guache preta na capa do diário, decorando-o com ousadia, sujando todo o seu material e cadeira. Não contente com o resultado, ela tentou lavar seu trabalho e acabou manchando todas as folhas internas.

Ao recolher os diários secos informei que iríamos usá-los dentro de alguns meses à frente, com essa informação as crianças iniciaram uma corrente investigativa em busca de novas pistas, promovendo conversas com outros professores e outras turmas, também se esforçaram em buscar mais pistas comigo, mas eu sempre dava a mesma resposta, que era um segredo, para uma atividade especial. E sem outras informações no decorrer das semanas, os diários iam caindo nas lembranças.

Inicialmente nossa ideia era usar esses diários como uma ferramenta para registro de aprendizado, para anotações e rabiscos, mas esse objeto acabou tendo um maior sentido investigativo para a criança, devido a relação afetiva que se instalava. Naturalmente, o diário de registro gráfico se tornava um diário que carrega alguns segredos gráficos que não poderiam ser violados, nem por olhares acadêmicos e nem pelo olhar da própria professora. Decidimos manter essas páginas internas ocultadas, em respeito do que era pertinente para aquelas crianças, ter partes dos seus processos tão incertos guardados e revistos apenas por eles. Penso que no futuro um desses diários possa ser me apresentado por completo, mas até o encerramento desse escrito, não era o momento, o fator socioemocional que ainda amadurecia nas crianças, afastava o público daquela tão secreta visão.

A respeito da identificação do diário, primeiro nós o chamamos de caderno de viagem, fazendo analogia às viagens internas e externas do estudante, que partia em busca de conhecimento. Mas a professora Laís Guaraldo⁸, sugeriu a troca do termo, para diário gráfico, remetendo a uma reflexão proveniente do trabalho do artista e professor português Eduardo Salavisa. O termo originalmente foi apresentado por Lagoa Henriques, um professor de desenho da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, no qual seu aluno Salavisa o popularizou através de um blog, diariografico.com, e das inúmeras publicações de livros que apresentavam os diários de vários profissionais que tinham o hábito de registrar suas pesquisas processuais, com armazenagem ampla de grafias sistematizadas ou não.

Com o fim da estilização, organizei os alunos para a contemplação em pequenos grupos, figura 10, onde eles puderam visitar os trabalhos dispostos sobre o chão, ficando mais à vontade para sentar e observar os detalhes. Um fato curioso é que aquelas crianças têm preferência em

⁷ Profa. Dra. Laís Guaraldo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, foi um dos membros convidados para a banca examinadora no exame de qualificação deste projeto.

realizar seus trabalhos no chão, acredito que por remeter memórias afetivas da liberdade que o corpo tem para brincar.

Figura 10: apreciação das capas dos diários



Fonte: acervo pessoal (2022)

No primeiro momento, antes que fossem apontadas quaisquer características que classificassem os diários como feios ou bonitos, iniciamos uma conversa sobre o valor da experiência do diário. Foi dito que com aqueles diários nós iríamos realizar pesquisas envolvendo imagens e formas para depois fazer uma arte final, até a chegada dessa arte, a intenção era fazer com que eles não temessem os seus próprios desenvolvimentos e experiências. Mas antes de trabalharem o diário, apresentei em slide algumas fotografias de páginas de diários gráficos, disponíveis no blog “Desenho do Cotidiano” de Eduardo Salavisa (2020), para que os alunos compreendessem o material e não se mantivessem tão rígidos com o processo. E assim como na realização das capas, eles foram informados que poderiam anotar, rabiscar, colorir e desenhar o quanto quisessem nas folhas internas. As crianças teriam liberdade para registrar os pensamentos, as informações trazidas, suas dúvidas ou algo que estivesse incomodando suas mentes.

Na outra semana voltamos a dialogar sobre os sentimentos que surgiam com a realização do desenho. Primeiro uma sequência de perguntas baseadas nas primeiras queixas que ouvi individualmente retornaram, agora para uma dinâmica em grupo. Era perceptível na observação que o corpo estava tenso e evitativo, parecia que as perguntas traziam à tona sentimentos

escondidos. Tomou-se cuidado para que aquele encontro não se transformasse em uma assembleia de julgamentos ou na construção de diretrizes para comportamentos mais moralistas, evitando-se atos exclusivamente políticos. Para isso, nós direcionamos os sentimentos revelados para uma reflexão geral do reconhecimento de si no outro, por meio da fala livre e da presença de mãos levantadas que simbolizavam empatia, evidenciada na figura 11.

Algumas perguntas tiveram experiências e sentimentos comentados pelos alunos, ressaltando, que eles relataram os casos por desejo próprio. É interessante trazer que na maior parte dos diálogos os alunos se esforçaram para selecionar as palavras, evitando apontar nomes caso o responsável pela mágoa estivesse presente na sala. Aqueles que se identificavam com os acontecimentos relatado pelos colegas foram orientados a levantarem suas mãos, como forma de mostrar que passaram por uma experiência parecida. No começo poucas mãos eram sustentadas, mas no decorrer das rodadas de perguntas, elas eram mais vistas, e em alguns casos eu também levantei a minha mão causando surpresa aos meus alunos.

Figura 11: alunos participando da dinâmica levantando suas mãos



Fonte: acervo pessoal (2022)

Figura 12: a professora levantando sua mão



Fonte: acervo pessoal (2022)

Para a dinâmica foram levadas tais perguntas: “*Quem gosta da aula de arte?*”, “*Quem não gosta de desenhar na aula de arte?*”, “*Quem não gosta de desenhar em aula nenhuma?*”, “*Quem aqui faz desenhos escondidos e não mostra pra ninguém?*”, “*Alguém na sua casa já falou que seu desenho era feio?*”, “*Você já fez um desenho para alguém que você gostava muito?*”, “*Levanta a mão quem aqui já entregou um desenho especial para alguém e essa pessoa jogou fora?*”, “*Alguém na escola, funcionário ou aluno, já fez algum comentário maldoso sobre seu desenho?*”, “*Alguém te proibiu de desenhar alguma coisa, acreditando ser algo ruim?*” e “*Levanta a mão quem acredita que é preciso nascer com dom para desenhar?*”.

Figura 13: *QR Code* com depoimentos de alguns alunos



Fonte: Código gerado pelo site <https://www.qrcodefacil.com/>

No *QR Code* acima é possível acessar uma pasta com os áudios, onde os alunos menos tímidos autorizaram a gravação das suas experiências negativas relacionadas ao desenho. Para resumir esse bloco de atividade, as crianças apresentaram na dinâmica suas frustrações, mágoas e decepções que surgiram com as lembranças dos comentários sobre a qualidade ou representações dos seus desenhos. Os comentários que tiveram maior impacto vieram de pessoas mais próximas do seu convívio familiar ou de um amigo muito importante da escola. Normalmente suas reações, após comentários ruins, eram de amassar e de imediato jogar fora o desenho feito. Esse movimento não se encerrava no ato, pois mesmo passando um tempo, o que era sentido ia se cristalizando na mente.

Se compararmos, algumas crianças do 5º ano 1 pareciam sucumbir mais às críticas trazidas pelos familiares e amigos sobre os seus desenhos, do que às de outras técnicas de artes visuais. Mesmo fora da lista de perguntas, questionei no calor da conversa se alguém tinha passado por algo parecido, mas envolvendo a pintura, colagem, gravura ou modelagem? Apenas 2 alunos dos 25 presentes no dia, informaram que sim, mas que não levaram a sério o comentário. Questionei, “*qual a diferença entre fazer pintura, modelagem ou colagem para o desenho?*” Eles no começo descreviam o que seria cada técnica, mas eu retornei com outra pergunta. “*Para você, por que o desenho é mais criticado que as outras técnicas?*”. Nessa pergunta a aluna A.P. respondeu: “*desenhar é mais fácil que fazer as outras coisas.*”

Sem contrapartidas a turma concordou com a informação. Essa frase ainda faz-me refletir, que talvez para aquelas crianças e as pessoas próximas a elas, desenhar não tivesse a mesma medida de tolerância a “erros” do que outras técnicas, por ser usualmente mais praticado na escola. E mesmo sendo tão praticado, não existe uma referência de quem é qualificado ou não para fazê-lo. Do meu ponto de vista, não existe essa qualificação, já que observo no desenho

uma forma de produzir conhecimento de maneira flexível e viva, mas acredito que essa é a questão, onde sem muita consciência meus alunos e aqueles que os cercam estão medindo suas potencialidades e dando um ultimato, no seu ponto de vista.

Figura 14: a turma assistindo por projeção relatos do artista Raiz Campos.



Fonte: acervo pessoal (2022)

Voltando para a observação da sala 10, partimos das conversas sobre os sentimentos e ligamos o que foi dito com a humanidade que existem nos artistas, mas que normalmente não exploro nas minhas aulas. Convidamos para ilustrar essa missão os muralistas brasileiros Deborah Erê e Raiz Campos, que mesmo não trabalhando especificamente com o desenho, se encontraram como artistas a partir dele. Um fato apresentado na sala de aula através da projeção da voz dos artistas, temos o relato no *QR Code* abaixo, foi que no passado eles acreditavam não saberem “desenhar o suficiente”, e ao ouvir aquilo, os alunos presentes apresentaram quebra de expectativa, pois pareciam confusos e descrentes em perceber que alguém que eles julgavam ser tão bom, que acreditavam ter nascido com talento para aquilo, informou que no passado também imaginava que precisavam ter um dom para ser bom no que são.

Figura 15: *QR Code* com depoimentos dos artistas



Fonte: Código gerado pelo site <https://www.qrcofacil.com/>

Em sala, as crianças presenciaram por vídeo e relatos como é a produção do mural (planejamento gráfico, profissionais envolvidos, adaptação) do Raiz e Erê, uma parte da biografia dos artistas e assistiram/ouviram os relatos sobre o que os artistas sentiam por trás do processo de criação das suas obras para apresentação.

Debora Erê é graduada em Artes Visuais pela UFAM, atualmente é professora, tatuadora e grafiteira. Seus trabalhos mais destacados abordam o empoderamento feminino através de sereias que não seguem padrões estéticos, tendo diversos tamanhos, formas, cores e apresentando idade variada, da juventude à velhice. Seu repertório é fruto da observação do dia a dia, do mundo real, onde o idealismo é quebrado. No começo, a artista relata que seu trabalho passou por inúmeras críticas sociais, onde era acusada por não fazer sereias “bonitas”, mas Deborah insistiu com o seu processo, percebendo ainda mais o preconceito em relação às formas variadas dos corpos femininos. A artista se reconhece em todas as mulheres que representa e/ou já observou, e apesar das diferenças, ela carrega em si a certeza de uma certa similaridade.

Figura 16: Deborah ao lado de um dos seus trabalhos



Fonte: perfil de Deborah no Instagram⁸, @deborah_ere, 2022

Raiz Campos, criado no interior do Amazonas desde pequeno, não nega sua paixão pela cultura dos nativos. Ao morar na beira do Rio Negro e se conectar com outros municípios próximos, o artista reuniu para seu repertório referências da floresta. A representatividade é um dos seus maiores valores, no qual desenvolveu o estilo psicoamazônico, técnica que explora cores da floresta mais acentuadas com leve textura na forma de grafismo, essas escolhas fazem sua arte ter mais visibilidade. Parte dos trabalhos que Raiz assina, requer parceria com outros grafiteiros para a elaboração de grandes murais, como no Viaduto Gilberto Mestrinho, na Zona Leste de Manaus, na qual ganhou amplo destaque na mídia local e internacional.

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYJ1_HgL-yn/>. Acesso em: 14 de novembro de 2022.

Figura 17: Raiz ao lado de um dos seus trabalhos



Fonte: perfil de Raiz no Instagram¹⁰, @raiz.campos, 2022

Após conhecerem os artistas, os alunos questionaram se poderiam fazer mais perguntas para eles sobre outros estilos de trabalho, fama e como eles faziam para se sentirem fortes diante das críticas sociais. Essas perguntas foram direcionadas aos dois artistas por mensagem via WhatsApp. Raiz foi sucinto e respondeu por ali mesmo e nos enviou mais material midiático para complementar sua resposta, para depois ser transmitida aos alunos. Mas para nossa surpresa Erê, que se encontrava em Manaus, disponibilizou-se em fazer uma visita na escola para falar sobre esses pontos, além de informar que iria apresentar um dos seus cadernos de estudo para aquelas crianças. Essa visita ocorreu no último dia da ação, mas para ilustrar o carinho da turma para com ela, apresentamos a figura 18.

⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/ChCvAPhrzRW/>>. Acesso em: 14 de novembro de 2022.

Figura 18: Erê mostrando seu caderno



Fonte: acervo pessoal (2022)

Na penúltima semana iniciamos as pesquisas de campo. Os diários já eram usados durante nossos encontros para registro. Ao percebermos que a tendência da turma era desenvolver desenhos com significados e mensagens para um grupo maior de pessoas, assim como os artistas que eles acabavam de conhecer faziam, foi necessária uma equipe de suporte para nos precavermos de possíveis eventualidades no trajeto de busca. A equipe foi constituída por uma fotógrafa, uma professora de apoio e eu, para que a aula acontecesse fora de sala. Nossa ideia era a de não concentrar os alunos em um só local e nem oferecer apenas uma referência, pois a pesquisa de campo teria início na escola, mas se estenderia por mais uma semana nas casas dos alunos.

Nós começamos com uma breve orientação em sala para informar como eles poderiam fazer suas pesquisas, quais eram as regras de trânsito pelos corredores e biblioteca, e os limites de exploração para evitar acidentes. Para aqueles que tinham preferência em ficar na sala de aula, o espaço se transformou numa espécie de atelier, afastamos as cadeiras para que os alunos trabalhassem no centro. Eles também tinham disponibilidade de material para consulta em impressão de alguns trabalhos bidimensional de artistas amazonenses, material para desenho e pintura, e a permissão para usarem aparelhos digitais para buscarem novas referências com acesso à Internet.

Figura 19: apresentando as impressões para a turma



Fonte: acervo pessoal (2022)

Na biblioteca, em respeito aos livros, os alunos não puderam usar tinta no espaço, eles levaram para as anotações apenas os diários, lápis e borrachas e após suas pesquisas, se assim quisessem, poderiam retornar para a sala de aula para adicionar um acabamento. A ideia era que com o auxílio dos livros eles mergulhassem na imaginação se inspirando em algum relato, conto, poema, curiosidade etc., com a norma de não copiarem as mesmas imagens que viam, elas seriam referências de estudo. Por uns 10 minutos mais da metade da turma se animou com o espaço, mas ao verem que iríamos para a área verde da escola quase todos se deslocaram para lá, ficando na biblioteca apenas um grupo de 3 alunas.

Figura 20: pesquisa na biblioteca



Fonte: acervo pessoal (2022)

O espaço verde da escola, é um campo aberto que normalmente as crianças usam para fazer atividades físicas. O nosso objetivo era encaminhá-los para que lá eles explorassem possíveis formas, texturas e significados para as suas pesquisas. Acreditei que naquele ambiente os alunos fossem buscar uma cena ou um objeto para observar e desenhar, mas de imediato eles usaram o corpo para investigar o espaço. Um grupo de meninos pegou um galho grande da mangueira que estava caída na cena e começou a brincar, tirar fotos, outro grupo de crianças se interessou em cavar um pouco mais o buraco que tinham encontrado fazendo de conta que ali havia um tesouro, os menos desinibidos recolhiam pedras e folhas no caminho para realizar uma composição no chão.

Ao observar aquela cena, vendo poesia nos movimentos dos alunos, e uma forma de desenhar em si aqueles elementos sem usar o lápis e o papel. Minha memória se direcionou as propostas trazidas pela professora artista dinamarquesa Anna Marie Holm que exaltava no seu livro, “Eco-arte com crianças, 2017”, o uso de elementos da natureza para pensar arte, ela com sua experiência percebeu que as crianças da sua sala elaboravam a sua própria organização e criação a partir de elementos simples do ambiente. Meus alunos aparentavam fazer o mesmo trajeto.

Figura 21: pesquisa na área verde



Fonte: acervo pessoal (2022)

Após brincarem, correrem e buscarem suas inspirações, as crianças da área verde se concentraram num quadrado de concreto no campo, sentando-se em círculo e ficando um tempo ociosas, recuperando o fôlego, ouvindo música em seus fones de ouvido, outras ouvindo o som

do seu corpo e da vinda de uma tempestade. Depois de um tempo observando a agitação se transformar em calma, fiquei preocupada e pedi para que elas voltassem para a sala, devido o tempo que formava. Mas elas insistiram em continuar ali, até as gotas da chuva caírem, e repetiam a frase: “*por favor, aqui é bom, a gente tá bem!*”. Sem as cobrar para que fizessem algo nos seus diários, elas naturalmente começaram a trabalhar neles como se de alguma forma precisassem transformar o movimento sentidos e processados do corpo em movimentos grafados.

Ao encerrar as pesquisas, o 5º ano 1 recebeu a orientação em continuar a fazer seus estudos na sua vivência fora da escola, buscando nas ruas, nas pessoas, nas casas, na memória, na imaginação ou na natureza algo inspirador que tivesse importância para eles. Naquele momento entreguei para cada aluno uma folha A4, com leve textura para fixar tinta, e gerei uma branda expectativa sobre a seriedade que eles deveriam considerar ao realizarem o rascunho da obra final. Muitos deles não possuíam material para ilustrar e colorir em casa, então combinamos de o acabamento devesse ser realizado no outro encontro em sala.

Para a semana final, inicialmente planejamos que numa parte do encontro os alunos realizassem seus acabamentos, depois eles devessem construir um mural para a organização das obras, recebessem a visita da artista Deborah Erê, para que encerrássemos com um piquenique na área verde, para celebrarmos o fim. Mas assim como a vida nos prega surpresas, nosso planejamento precisou ser readaptado. O primeiro ponto é que grande parte dos alunos ficaram preocupados com o trabalho final e até intimidados com a visita da artista, receosos, não conseguindo apresentar uma proposta na folha especial. Outra parte é que a visita estava sendo ameaçada, junto ao piquenique, pela presença de um temporal e para completar a base do nosso mural não prendia na parede e nem na lousa, infelizmente a qualidade da fita que tínhamos fez nosso painel cair inúmeras vezes.

Figura 22: alunos produzindo o letreiro do painel



Fonte: acervo pessoal (2022)

Nosso encontro final aconteceria pela tarde das 13h às 16h, antes de se instalar o desespero na turma que já era premeditada, pois, estavam muito ansiosos com o encerramento. Pedi permissão ao professor titular, e pela manhã e iniciei uma conversa com eles, no qual, disse: *“5º ano 1, ainda dá tempo, calma! Nem sempre as coisas saem como planejamos, às vezes precisamos perceber que aquele erro pode se transformar em uma nova possibilidade. A Deborah não vai ficar decepcionada com as ideias de vocês, ela como eu, também é professora e nós não julgamos suas tentativas. Para nós elas são ideias, sentimentos e expressões puras, nós sabemos o quanto é importante para vocês serem reconhecidos. Errar ou atrasar a entrega de um material também faz parte do processo, então calma, nós vamos conseguir e vai ficar tudo bem, mesmo que precise improvisar.”*

Durante os intervalos de aula, o professor da manhã permitiu que eles trabalhassem em sala suas ideias no papel, mas foi no horário de almoço que houve maior movimento, eles se reuniram em pequenos grupos, afastaram suas cadeiras e formaram um grande círculo como fazíamos na pesquisa. Recolheram seus diários e as impressões que ainda estavam na sala para buscar referências. Alguns alunos preferiram conversar com seus colegas que já haviam terminado a proposta para ajudar na elaboração das suas mensagens e a transferir as ideias do diário gráfico para o papel.

Figura 23: alunos brincando com seus desenhos



Fonte: acervo pessoal (2022)

Ouvindo bastante barulho no local, resolvi espiar e ao passar em frente da porta da sala 10, os vi se empenhando e aquele medo inicial parecia não existir no momento, ia se desfalecendo dando espaço para a esperança que era expressa com gargalhadas e boas vibrações de alguns alunos. A. B., me viu na porta, me chamou e disse: *“Professora, a senhora tá vendo? A gente tá conseguindo, não tá perfeito, mas estamos tentando”*. Finalmente, no decorrer de todo processo consegui ouvir dos alunos, sem induzi-los, a frase de que eles estariam tentando mesmo que seus trabalhos não ficassem como planejaram, eles estariam dispostos a arriscar. Voltando para a sala dos professores eu comecei a refletir. A criação estava acontecendo naquela turma de qualquer maneira, mesmo sendo insuportável para meu organismo, mas que para eles fazia sentido e foi necessário, eles estavam livres para tentar e serem incentivados por seus próprios colegas. As crianças se permitiam criar no meio da pequena bagunça organizada e estrondosa que elas mesmas as fizera.

Figura 24: a apresentação

Fonte: acervo pessoal (2022)

A chegada da Deborah na escola foi em meio às chuvas, estava quase certo dela vir nos visitar noutro dia, porém o tempo deu trégua e ela decidiu nos encontrar para um bate-papo por uma hora. Ao pisar na escola os alunos a reconhecerem na portaria e começaram a festejar. Gritaram na sala: “*Ela chegou, ela chegou, rápido se arrumem que ela chegou.*” Como era de esperar, eles deram um abraço coletivo e demonstraram toda sua empolgação ao conseguir tocar na artista.

Erê mostrou a eles um dos seus cadernos de trabalho, e assim como na figura 25 eles também mostraram seus diários para ela, mas quando ela o abriu para falar sobre suas ideias e desenhos que ainda estavam em processo de pesquisa, alguns alunos se aproximaram pedindo para tocar e rapidamente ela os negou. Em resumo ela disse que aquele material, para ela era muito íntimo, e que tem partes dos nossos projetos que só nós poderíamos entender e tocar. Os alunos receberam bem esse movimento e até começaram a praticar dias depois a mesma fala quando precisavam impor limites de aproximação.

Figura 25: os diários das crianças e o caderno da artista



Fonte: acervo pessoal (2022)

Enquanto acontecia o diálogo entre a artista e a turma, eu e alguns alunos estávamos tentando descobrir o porquê de as letras do nosso painel continuar caindo, e o porquê dele não se fixar na lousa. Isso nos inquietava, visto que em outras circunstâncias nós tivemos êxito em realizar tal proeza. Observando o movimento, Deborah acrescentou junto a fala do seu processo de criação, que *“aquele painel caindo, poderia ser visto como um processo de aprendizado, para que na próxima vez, em outras tentativas, nós pudéssemos ir por outro caminho, carregando na consciência o peso da experiência”*.

Surpresa com a adaptação que a artista usou para fazer daquela cena um material lúdico de aprendizado, acrescentei também que *“era daquele jeito que muitas coisas eram criadas, por meio de erros, tentativas e descobertas. E se fossemos mais gentis conosco, perceberíamos a riqueza que existe em falhar. Que não tem problema em nos envergonharmos, desde que lembrássemos que às vezes na caminhada é inevitável deixar o painel colado na parede.”*

Pegando o gancho dessa analogia, pedi para que os alunos olhassem seus desenhos e fiz a mesma pergunta que estava intitulado o painel. *“Esses desenhos estão finalizados?”* E para nossa surpresa a resposta, em coro, foi *“não”*. E a partir daquela fala eles se justificavam baseando-se na fala da artista. *“O meu desenho pode se transformar numa estampa de camisa, agora ele é só um estudo”; “meu desenho pode se transformar num mural”; “o meu pode ser uma tatuagem”; “o meu ainda falta detalhes e eu queria refazê-lo”*. E no meio de tantas justificativas, os alunos perceberam que a efemeridade dos seus desenhos os permitia desenvolver tanto a consciência de suas limitações como a inteligência emocional.

Encerrando as falas, era hora daquelas crianças apresentarem individualmente seus trabalhos, mas apenas 4 alunos apresentaram naquele momento para a artista o resto ainda se sentia intimidado e num cochicho eles informaram “*depois falamos sobre as obras, depois que a artista e a fotógrafa forem embora*”. Elas partindo, as crianças impacientes relataram seus desenhos finais¹¹. De forma genérica suas mensagens para os colegas abordavam sobre o que eles acreditavam ter valor. Um valor subjetivo, a experiência de vida de cada uma daquelas crianças, que durante as pesquisas foram colocadas sobre os holofotes da necessidade de expressar o si, de se pôr no mundo como um indivíduo, um ser segregado em parte do todo, com desejos e pensamentos próprios.

As crianças durante as anotações nos seus diários experimentavam formas e buscavam forças internas para conseguir expor ao público da sala sua mensagem gráfica. Havia sensibilidade nos seus traços, memória, ideais e representações trazidas. Durante a apresentação, mesmo que para uma parte dos envolvidos, em primeiro momento não houvesse uma compreensão lógica das formas escolhidas, com a fala ela se tornava encantadora ou impactante. Na materialidade desenvolvida a partir do diário alguns alunos exaltavam a gratidão pela família e amigos; outros falaram sobre o valor do tempo, principalmente para aqueles que se separaram de pessoas muito amadas; outros simbolizam suas feridas em relação ao preconceito social; alguns pediam mais gentileza para suas diferenças e assim, no meio de tantos trabalhos com diversas formas e cores, aquelas crianças puderam perceber a riqueza que existiam por trás dos “bastidores” de um desenho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desde que assumi a sala de aula os meus alunos sempre reclamavam que não sabiam desenhar, durante 5 anos eu acreditava que esse alarme expressava oralmente a existência de uma lacuna na formação "gráfica" deles. Mas ao assumir o ensino fundamental I em 2020, tive um rompimento da minha convicção, a partir da observação de um comportamento que não existia numa mesma turma se comparada a 3 anos atrás. Por meio desse incômodo os parágrafos a seguir apresentam um percurso dissertativo que parte de reflexões, observações analisadas e interpretadas com base nos textos de alguns pesquisadores influentes nos ramos da educação e da arte que nos ajudaram a compreender nossa questão.

¹¹ Esses desenhos se encontram disponíveis para apreciação no apêndice 1.

Assim como criar, o ato de desenhar é inerente ao ser humano, na nossa natureza sentimos a necessidade de realizar, dar funções e valores aos rastros que fazemos. Definir significados que implicam internamente os nossos reflexos é um impulso natural. Para Fayga Ostrower (2014, p.9). “Nos movimentamos em formas. Um ato tão corriqueiro como atravessar a rua é impregnado de formas(...)”. Assumindo esse pensamento é observado que damos formas antes mesmo de termos consciência das representações simbólicas, o corpo desenha por meio do movimento, rotacionando os membros, mexendo os dedos, prendendo-os em riscadores. Ao conectar esses movimentos com o riscador numa superfície, surge o ponto e o deslocamento dele se torna linha, as linhas se movem, são rastros dos longos movimentos do corpo, mantendo-se retas, cruzadas e morrendo nelas mesmas para numa espécie de metamorfose gráfica transforma-se em planos, letras, números, figuras e representações de tudo que existe no mundo e dentro da gente.

Entre o espaço da não consciência da forma aos primeiros sinais de consciência, a criança começa a se perceber como a responsável por aqueles traços dispostos no papel. Existem inúmeras teorias que explicam esse processo e como ele se manifesta da primeira infância à idade escolar. Vários estudos que se baseiam nas investigações da psicologia, o desenho infantil é dividido em fases, que as acompanham durante o desenvolvimento. Os dois estudos que trazemos de maior relevância para compreender os desenhos no desenvolvimento infantil se aproximam das observações feitas na EETI Roxana. Em resumo apresentamos, Lowenfeld (1977) que divide as fases do desenho em três: Garatuja, Pré-esquemática e Esquemática. Nos textos de Piaget (1973) essas fases são mais extensas a da Garatuja Desordenada, Garatuja Ordenada, Pré-esquematismo, Esquematismo, Realismo e Pseudonaturalismo.

Nas trajetórias de Viktor Lowenfeld (1977) os processos seguem um trajeto linear. De 0 a 4 de idade é observado o surgimento da Garatuja, que passam pelos traços desordenados e inconscientes, onde a criança busca por prazer. Quando ela descobre que seus gestos se relacionam com a forma dos seus traços, se esforça para controlar suas linhas e com a quantidade de exercício e estímulos, suas figuras se fecham e começam a receber nomes. O Pré-esquemático surge por volta dos 04 a 07 anos de idade, onde os pequenos começam a relacionar as formas aos nomes, identificam o que seus similares desenharam e investem mais no controle motor para ser realizado um desenho mais consciente. Na fase Esquemática que acompanha a idade dos 07 aos 10 anos, a criança começa a organizar seus desenhos, onde percebemos uma evolução na representação da figura humana. Elas apresentam mais controle relacionado às margens, e há um desapego na coloração.

Se recorremos à atividade que citamos na metodologia, a da casa com a família, algumas dessas características se assemelham com as produções em sala. Repassando minhas observações, do 1º ao 2º ano é notável a tendência dos alunos em utilizar cores junto ao desenho, misturando e sobrepondo-as. As formas fazem referência a fantasia e imaginação e normalmente pequenos grupos se aconchegam em busca de colaboração e admiração. Nos seus traços, há uma mistura do mundo real, midiático e imaginário, todos unidos em uma composição sem paredes, sem chão, sem teto e sem ideal. Existe diversão em ser o capitão das rotas que escolhem. Mesmo com temas e sugestão de atividades em aula, muitos ainda repetem e refazem suas cenas cheia de miniaturas, ignorando o desafio proposto. Ali, todos apresentam um certo entusiasmo ao desenhar. Eles não parecem se importar com os resultados, o processo é mais interessante.

Para especificar as mudanças, no fim do 2º ano ao início do 3º ano há um apelo para o ato de copiar, que se sobressai a imaginação. Os traços imitam referências do cotidiano, no qual eles apresentam apreço por desenhos que remetem a personagens de cartuns e animes. Com linhas e contornos mais aparentes, a cena começa a sumir do papel, o objeto de trabalho é o personagem ou parte do seu corpo. Olhos são exaltados, mãos são evitadas. E é percebido que alguns alunos começam a realizar seus trabalhos com certa velocidade. A impaciência abre espaço para a instantaneidade.

Mas no 4º e 5º ano não é visto uma homogeneidade de característica como nas séries anteriores. Nessas turmas alguns poucos alunos apresentam predominância na busca por realismo, eles experimentam colocar nos seus exercícios algumas técnicas, hachuras, borrões e texturas para apresentar entendimento da tridimensão e da luz e sombra. Porém, outra parte da turma segue os mesmos modelos do primeiro ciclo com o diferencial no fator descritivo e significativo, ser mais amplo quando falado. O curioso é que nessa série normalmente alguns alunos que não se interessam por realismo, se distanciam da prática de desenhar.

O professor Fernando Lefèvre (1991) cita que nas teorias psicológicas de Piaget e Freud, que nessa idade as crianças culturalmente passam por avaliações sociais de pertencimento, algo que está além da figura do professor. Elas exibem suas necessidades sociais, por meio da crítica, para que algo não comprometa a sua inclusão social. O aluno que se encontra no último ano do ensino fundamental I, ainda não exerce de maneira intuitiva a autonomia sobre suas criações, ele está desenvolvendo sua capacidade de sugerir alterações nas regras sociais, mas até essa percepção, suas reflexões são influenciadas diretamente pelo seu círculo social.

Recorrendo a Piaget (1973), referenciando ainda o desenho no desenvolvimento humano, é possível perceber que o ato de desenhar está além da representação, é uma

manifestação de inteligência que passa por todo o desenvolvimento humano. Piaget e Lowenfeld encaram a fase da garatuja e a esquemática com semelhanças, porém Piaget adiciona algumas diferenças de fases que também se encontram na idade dos 10 anos, a fase do realismo, onde a criança busca apresentar a superposições, planos coerentes e a necessidade de lógica e o pseudonaturalismo, na qual ela tem escolhas conscientes sobre as cores, noção de espaço, profundidade.

Com o avançar da série a expressão de suas emoções com intenção e espontaneidade é aos poucos abandonadas, mas não excluída, compreende-se que numa mesma turma possam existir crianças em fases diferentes. E trazendo um olhar menos clínico, Mirian Celeste, Gisa Picosque e Terezinha Guerra (2010) apresentam a percepção de que:

A produção expressiva da criança de 09 a 10 anos ganha complexidade, mas pode ser subjugada pelo sentimento de inferioridade. É comum nessa idade a frase: “Não sei desenhar”. Isso pode emperrar sua intenção estética se o educador não oferecer desafios para a conquista de sua poética pessoal. (CELESTE, GUERRA, PICOSQUE, 2010, p. 104).

Se posso apontar o período em que se agrava o desconforto da criança sobre seus traços, arrisco-me sugerir que é por volta dos 09 a 11 anos, a idade do 4º ao 5º ano. Em busca de pista, nos diálogos alguns alunos me revelaram que não acreditavam ter “talento” para desenhar, além de se sentirem vigiados pelos colegas que buscavam qualquer sinal de vulnerabilidade para apresentar domínio sobre eles na formação de grupos. No fim da infância a chegada da pré-adolescência é mais evidente as diferenças subjetivas nos grupos, que começam a se perceber “homogêneos”.

Para explicar por meio comparativo como isso influencia no fazer desenho, antes de atingirem a idade escolar, as crianças ainda estão submersas ao egocentrismo, reconhecendo o mundo e o transformando para o seu agrado, desenhar é prazeroso e não carrega nenhum valor social. Elas parecem programadas para explorar tudo que podem, ao movimentar suas mãos como uma ferramenta que alcança os objetos, ela os percebe e os transforma. Sua sensibilidade flui através dos seus sentidos. Até que possam ser envolvidas pela experiência.

Bondía (2002, p. 21), acredita que a experiência só existe quando nos passa e nos toca, não o contrário. Então se considerarmos essa visão, as garatujas não representativas que surgem com o crescimento, seria apenas uma espécie de válvula de escape da mente em desenvolvimento, e através da maturação desenhar ou não desenhar é uma experiência que parte de uma escolha. Assim os vejo, nas séries dos alunos mais novas quando é sugerido uma atividade de desenho, há uma vibração, seus corpos não apresentam tensão e suas mentes não

se intimidam com as ilimitações das possibilidades, são poucos os momentos em que existe a escolha em não desenhar, normalmente justificada por alguma má disposição.

Rompendo as análises clínicas e recorrendo ao ensino, acreditamos que o descontentamento existente na turma é uma oportunidade perfeita para aprender, percebendo que as crianças hibridizam seus pensamentos e sentimentos por meio da fala e/ou forma. Para Sueli Ferreira (2012, p. 145) por ter convivência diária com o aluno, o professor tem condições de conhecê-lo mais profundamente, desde que se disponha a vê-lo e ao ouvi-lo em todas as atividades desenvolvidas na escola. A autora apresenta a percepção de que mesmo alguns psicólogos ao avaliar os desenhos das crianças podem as “condenar”, pois suas habilidades estigmatizam a produção em busca de indícios, limitando sua observação para sua profissão. Diferente do professor que deve recorrer a um olhar ampliado e contextualizado.

Como um atual professor de arte deve olhar o desenho dos seus alunos? Para a artista e escritora Edith Derdyk (2020) a linguagem gráfica infantil diz mais que um adulto possa ver, é através dela que a criança desvenda e revela o mundo de forma afetiva. É uma atividade solitária regida pelas suas próprias regras e leis. E nesse universo criado, a criança se diverte explora e descobre como existir.

O desenho constitui para a criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades e de suas necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas. (DERDYK, 2020, p. 50).

Mirian Celeste na sua dissertação também, informa que “o desenho, uma das mais primitivas entre as linguagens plásticas, tem como expressão de ideias, o pensamento, a imaginação, a percepção do sentimento através das formas significantes.” (CELESTE, 1992, p. 21). Sabe-se que na escola a busca por significados por meio de grafia é incentivada, preferivelmente os professores iniciam a escolarização por meio das linguagens visuais, atribuindo valor à criação e interpretação, mas esse valor é regido por meio de cópia.

Para prosseguirmos, talvez seja necessário abordar a definição do que seria o desenho, a fim de avançarmos sobre a sua notoriedade no desenvolvimento socioemocional da criança. Karoline Silva (2019, p. 17), em sua dissertação, encontrada na filtragem do Estado da Arte, encara o desenho como objeto de estudo, onde busca os limites conceituais na contemporaneidade, discutindo sua natureza, relacionando-o a vários conceitos. Suas inquietações surgiram ao notar que o desenho engloba outras linguagens que vão além da arte,

e mesmo na arte os artistas os fazem sem discriminar a materialidade e em superfícies que ultrapassam a barreira do papel. Essa não discriminação também existe na escola, mas não é consciente.

O não saber o que é um desenho [...], permite que se incorpore questões do enquanto se faz, do imprevisível, da surpresa, do inalcançável ou irresoluto. Se a arte é definida segundo códigos binários, perde-se o espaço dos desvios do processo, tão importantes, se não fundamentais em uma pesquisa artística. (SILVA, 2019 p. 83).

Silva também insinua que Edith Derdyk é uma das responsáveis por fazê-la perceber em suas investigações que o desenho não tem uma definição assertiva, o desenho se configura no seu sentido, não podendo ser definido apenas por traços em um fundo. Ela cita que mesmo Jacques Derrida, um importante curador e pesquisador da área, informa não ser capaz de dizer o que é o desenho, mas é tentado a percebê-lo de modo insignificante, extraindo os sentidos do traço. Questionando meus alunos e perguntando o que seria um desenho para eles, de maneira intuitiva a resposta se concentra na ideia de ser “uma arte formada por linhas”.

Se desde as primeiras noções de consciência o termo desenho inclui no repertório dos alunos formas dispostas numa base, como figuras, gravuras, murais etc. Eles não estariam errados sobre seu entendimento, mas com a não adição de limites, o desenho também incorpora muitos campos e formas de o fazê-lo. Então aquele que escreve, desenhando nas letras o som dos fonemas, desenha. Se a escrita é uma espécie de desenho e o desenho se parte do movimento não existe um aluno na escola Roxana que não saiba desenhar. Entendendo-se que a dificuldade não está na ação, mas em aceitar os resultados que se abrem com ela. E essa aceitação parte das influências sociais.

Quando um adulto ou outra criança importante para um dos meus alunos, o observa explorar novas formas na solidão do seu íntimo, e descriminaliza seu desenho, impondo comparativos e “desqualidades”. Esse, mesmo não percebendo seu movimento, marca parte do íntimo daquele estudante fazendo-o questionar se o que experimenta é insuficiente, gerando em si sentimento de impotência. A criança ferida renuncia a se colocar no mundo por meio de sua arte, negando sua habilidade, desamparando o seu direito de expressão, reconhecimento e respeito diante o exercício. Por ainda não ter desenvolvido a habilidade para defender-se e perceber que em si, existe um universo de experiências e sentidos diferentes daqueles que estão ao seu redor. Ela ainda não aprendeu a perceber os seus valores íntimos.

Mirian Martins, Gisa Picosque e Terezinha Guerra (2010, p.14) nos trazem uma história que ocorreu em 1948, que apresenta em meio aos documentos internacionais o não reconhecimento dos valores que existem no traço dos aprendizes. Em que todos os desenhos

das crianças brasileiras inscritas para uma exposição internacional de arte infantil em Milão, foram recusadas pelos organizadores. Os curadores acreditavam que os trabalhos não apresentavam nenhuma criação verdadeiramente livre da criança, todos pareciam ter auxílio de adultos. Ao comparar os desenhos entregues com os das outras nacionalidades.

Não que todos os desenhos que participaram da seleção no Brasil tivessem a mesma característica, as autoras acreditam que o problema estava na ação dos adultos, que fizeram a pré-seleção dos trabalhos encarando a representação original da infância como insuficiente para apreciação. E a partir dessa história, ao observar que ainda hoje é uma realidade na escola Roxana a indução dominante de um adulto sobre o ato de desenhar, que conseqüentemente dissolve lentamente a autonomia daquele aprendiz, que “perde” a habilidade de encontrar e cultivar em si sua identidade.

Até o momento, nossos resultados e discussões trilharam numa reta entre a compreensão do que faz uma criança desenhar; quais habilidades e necessidade de que influenciam uma criança a não desenhar; o que é o desenho; como um professor pode percebê-lo na sala de aula. E para finalizarmos o texto trazemos para esse capítulo uma reflexão do pensador Paulo Freire (2022), que traz no seu livro de referência, a ideia de que a pôr condições históricas da sociedade brasileira, estruturalmente ela conduz a dominação por meio da opressão de consciência. Cujos melhor caminho é a “educação como prática da liberdade”.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 2022, p.72).

Se tanto os meus alunos quanto eu, fomos moldados nesse sistema, a liberdade estaria em rever os desconfortos como forma de aprendizado. O desconforto desperta desejos, e esses desejos por sua vez nos obriga a pensar em mudanças. Escolhendo a Abordagem A/r/tográfica a professora assume na sua pesquisa outras formas de ver arte, se munindo do que incomoda para iniciar a busca pela liberdade.

Essa liberdade não se parte de um indivíduo, segundo Freire (2022) ela se realiza em comunhão, percebendo que é impossível quebrar uma geração de valores em uma única prática. Talvez o caminho esteja em proporcionar experiências e reflexões ao notar as partes não ditas do processo de criação. Quando Irwin (2013), reuniu todos aqueles textos para nos apresentar

a Abordagem A/r/tografia, ela também nos proporcionou um novo modo de caminhar, nos fazendo renunciar a fórmulas eficazes para se chegar a um lugar. Soltar o pesado concreto do antes para abraçar a imprevisibilidade que existe em cada aluno contemporâneo, observando as suas experiências e diálogos por meio das palavras, movimentos ou grafias. São ferramentas condizentes para ser trabalhado o desenho em sala, para além da ilustração, concordando com os autores que a maturação da mente é reconhecida através da frase “*eu não sei desenhar*”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o começo sabíamos ser impossível encontrar uma maneira eficaz, principalmente em uma ação que fizessem meus discentes, do 5º ano 1, desenhar com a liberdade que desenhavam quando menores, mas ainda assim desejávamos que eles se reconectassem da mesma forma que estavam conectados com seus próprios processos no começo. Com o passar do tempo eles mudaram e trouxeram para a sala de aula, para as aulas de arte sua humanidade, seus anseios, seus medos, suas dúvidas, todas as partes invisíveis do seu ser. E como poderíamos abordar essas partes numa prática formativa que incluísse o desenho como elemento de pesquisa interna? A todo instante eu questionava isso, porém a a/r/tografia me mostrou que os caminhos não precisam se encerrar num propósito, mas partir de um desconforto, de perguntas.

Por meio do problema trazido, da repulsa de alguns alunos em realizar seus desenhos, eu poderia repetir uma ação que já tinha feito em anos passados, forçar meus alunos a apresentar (disfarçar) “resultados” através de uma avaliação negativa, usando suas notas como ameaça para que o produto, a materialidade de um ensino surgisse, mas durante essa pesquisa tomei noção de que o aprendizado não se parte assim, como também o desenho não precisa ser exposto, ele sempre vai existir escondido nas folhas dos diários e na mente que planeja suas formas, já que é uma necessidade do nosso cérebro complexo.

A recusa que se apresentou na turma, é parte do corpo em transformação, da infância abrindo espaço para a adolescência, escondendo seus movimentos que causavam estranheza. Com as pesquisas e observações descobrimos que aquela rejeição que incomodava, era uma denúncia de como eles se viam nesse crescimento, como temiam se expressar e não serem compreendidos. Induzindo-se a uma ideia superficial de que não sabiam desenhar. Mas desenhar era o que mais sabiam fazer, suas mentes também desenhavam cenários futuros, partindo de experiências passadas. A diferença é que aquelas crianças tinham ganhado “um

novo poder”, mas precisavam de ajuda para não sucumbirem às projeções do passado. E é num lugar como esse, do não, que um professor a/r/tografo encontra suprimento para trabalhar.

A metodologia, ou melhor, a abordagem que aplicamos nessa prática nos oportunizou ainda mais nos desenvolvermos como turma. O impacto de perceber que o que eu via, não era o que eu acreditava, mas sim parte de um outro processo natural do fim da infância, daqueles que não queriam mais ser criança, não tinham o desejo de desenhar mais como uma criança, cobiçavam a destreza que eles acreditavam que um adulto tinha de forma natural, queriam acertar nas suas escolhas, se cobravam para isso. Não queriam errar e nem ser mal interpretados, mas não sabiam socializar suas angústias e seus receios se diluíam no fazer desenho.

Nesse caminho um problema incomodava, várias hipóteses foram levantadas, algumas ações e diálogos foram analisados e fundamentados por meio da pesquisa. O não querer desenhar foi entendido, mas como fazer os alunos desenharem sem cometer o mesmo erro de antes? De impor minha necessidade/autoridade material justificando uma avaliação. Desenhar sobre meu olhar sempre pareceu certo e natural era minha ferramenta principal de ensino, mas aos meus alunos significava outra coisa. Havia dois desejos que se conflitavam.

Com a ajuda dos diários gráficos, pude observar que não posso segregar o desenho do ambiente e nem do amadurecimento do meu discente. Eu não poderia obrigar uma resposta imediata daquelas crianças, pois agora desenhar se tratava do florescer. Com os diários e suas obras nascidas no “caos” meus alunos se permitiam tentar, ao se tornarem mais íntimos dos estudos processuais, percebendo que o desenho não se parte apenas de traços, ele tem significados, mensagens e história de vida.

Nessa ação aqueles que antes se afastavam da prática, mudou, visivelmente eles se sentiam mais confiantes dentro do seu processo, valorizados para com sua subjetividade. Não foram todos eles, mas refletir para além do que se sabe sobre o desenho no ensino de arte mudou a maioria, como a mim mesma.

Talvez para futuros trabalhos e pesquisas, esses fragmentos de “rebeldia” possam ser vistos como parte do amadurecimento do ser em expressão. Cujo professor de arte sinta mais familiaridade em perceber que a capacidade de escolher não fazer desenhos, é uma projeção do estudante em si, que observa os resultados de uma experiência que ainda não existiu. Como não estamos aqui para gerar uma fórmula mágica, acreditamos que essa proposta possa ser adaptada para outras séries, a partir do 5º. Nosso material não é determinante, ele apenas apresenta um movimento, uma orientação metodologia para ser levado a reflexão diante a uma dificuldade prática.

Encerro esse texto com o pensamento de que a subjetividade do estudante é desafiadora ao professor de arte, que entra nesse caminho da observação e escuta em meio às suas próprias necessidades, diante a um público volumoso, a não valorização do seu trabalho, a escassez de material e falta de espaço para práticas. Ele se encontra em um ambiente com tantas lacunas que se torna desgastante pensar que deve se responsabilizar, em nome da sua profissão, para ver além da sua lente. Antes de me envolver com essa pesquisa educacional baseada em arte, eu afirmava: “*sim, sou professora*”, “*sim, sou pesquisadora*”, “*mas não tem espaço no meio de tantas obrigações para me tornar artista*”. E foi partido dessa experiência que mudei esse ponto de vista. Antes eu reproduzia didáticas ultrapassadas que escondiam a flexibilidade do ensino de arte, e agora vejo na minha sala de aula a minha tela de criação. Brincar, explorar, desenhar, movimentar e refletir, é permitir fazer da sala de aula uma criação artística.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Daniele de Sá. **A/R/Tografia Uma metodologia de pesquisa educacional baseada em Arte na busca pela formação do artista-pesquisador-professor**: Especialização em Ensino de Artes Visuais, Universidade de Minas Gerais. 2013. 33 f.
- AROUCA, Carlos. **Arte na escola: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Editora Anzol, 2012.
- BAKER, Kimberly. A. VIS – Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB, V.16 n°2/julho-dezembro de 2017.,Brasília. ISSN- 1518-5494 e ISSN (versão eletrônica) – 2447-2484.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares. **A Importância da imagem no ensino de arte: diferentes metodologias**: A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BAUER, Martin W. GASKELL, George; tradução de Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático I**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.
- BRASIL, Aléxia. GUARALDO, Laís. **Diário Gráfico, por uma definição**, In: X Seminário Ibero Americano sobre processo de criação nas artes, Vitória ES, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRITAIN, W. Lambert; LOWENFELD, Viktor. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. 1. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- FERREIRA, Sueli (org) **O ensino das artes: construindo caminhos**. 10 ed.Campinas, SP: Papirus, 2012.
- FREUD, S. **Obras Completas, volume 16**: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HOLM, Ana Marie, **Eco-arte com crianças**. Tradução do dinamarquês de Felipe Romano. S/L Editora: Ateliê Carambola/Unigráfica Ltda. 2017.
- LEFÈVRE, F. **A Criança Pré-escolar: o nascimento do ser simbólico**. R B. C. D. H. 1(1): São Paulo, 1991.

LOYOLA Geraldo, **Professor artista professor: material didático pedagógico e ensino aprendizagem em arte**, tese, 116 fls, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. 2016.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. **Não sei desenhar: Implicações no desvelar/Ampliar do desenho na adolescência**. Uma pesquisa com adolescentes em São Paulo. Dissertação (Mestrado em artes) Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo: 1992.

MARTINS, M.C., PICOSQUE, G. e GUERRA, M.T.T. **Teoria e prática do ensino da arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

PIAGET, Jean e INHELDER, Bärbel, **A Psicologia da criança**. São Paulo: Difusão Européia do livro. 1973.

SALAVISA, Eduardo. Blog: **Desenho do cotidiano**. Lisboa. Disponível em: <http://diario-grafico.blogspot.com/p/textos.html>. Acesso em: 28 out. 2022.

SANTOS, Gisele. **Metodologia do Ensino de Artes**. Curitiba: Ibpx, 2006.

SILVA, A. Karoline. **Gesto e tempo no desenho contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do CEART/UEDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina, p. 103. 2019.

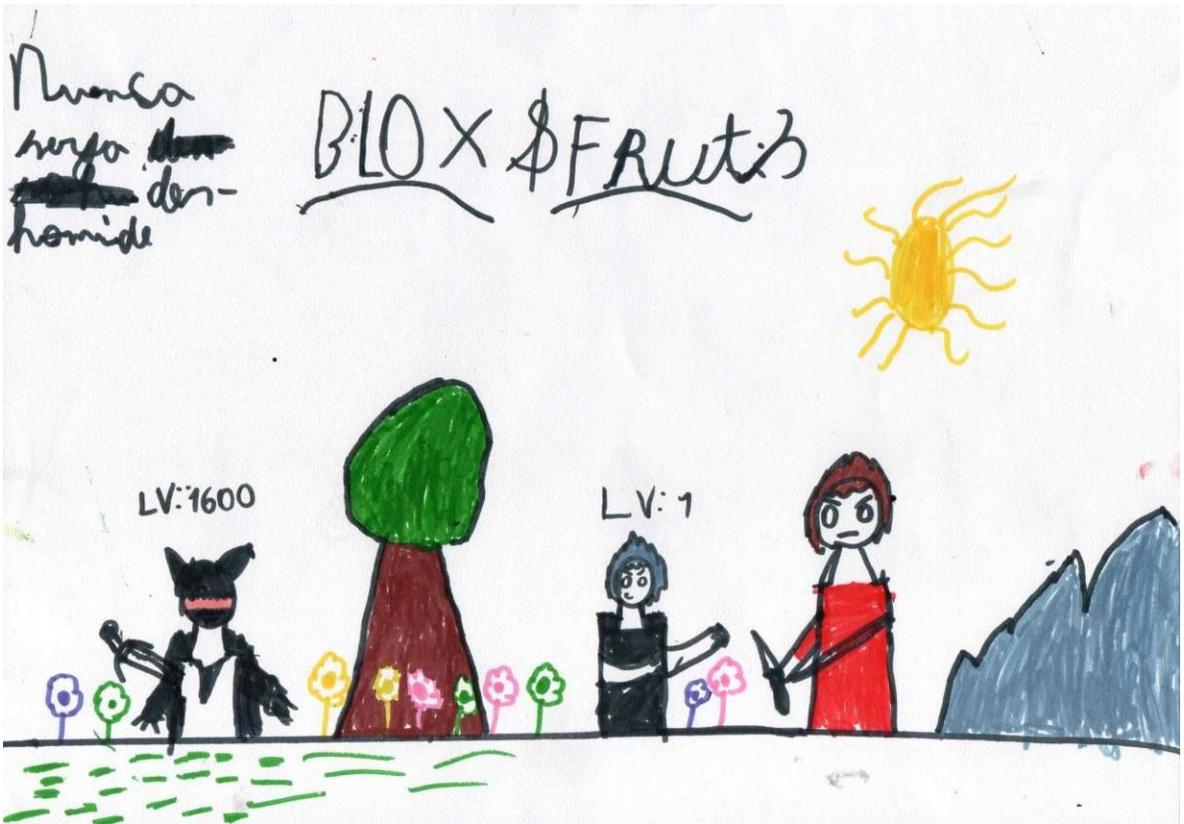
THIOLLENT Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

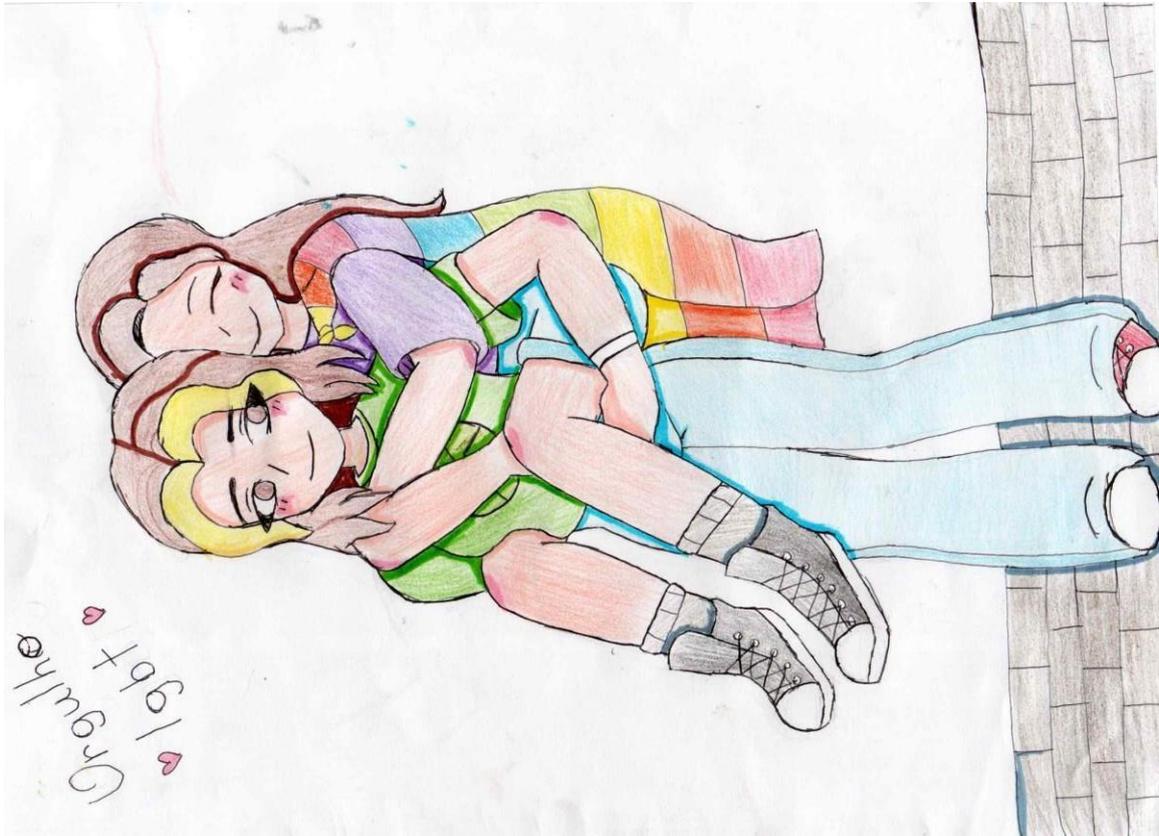
WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

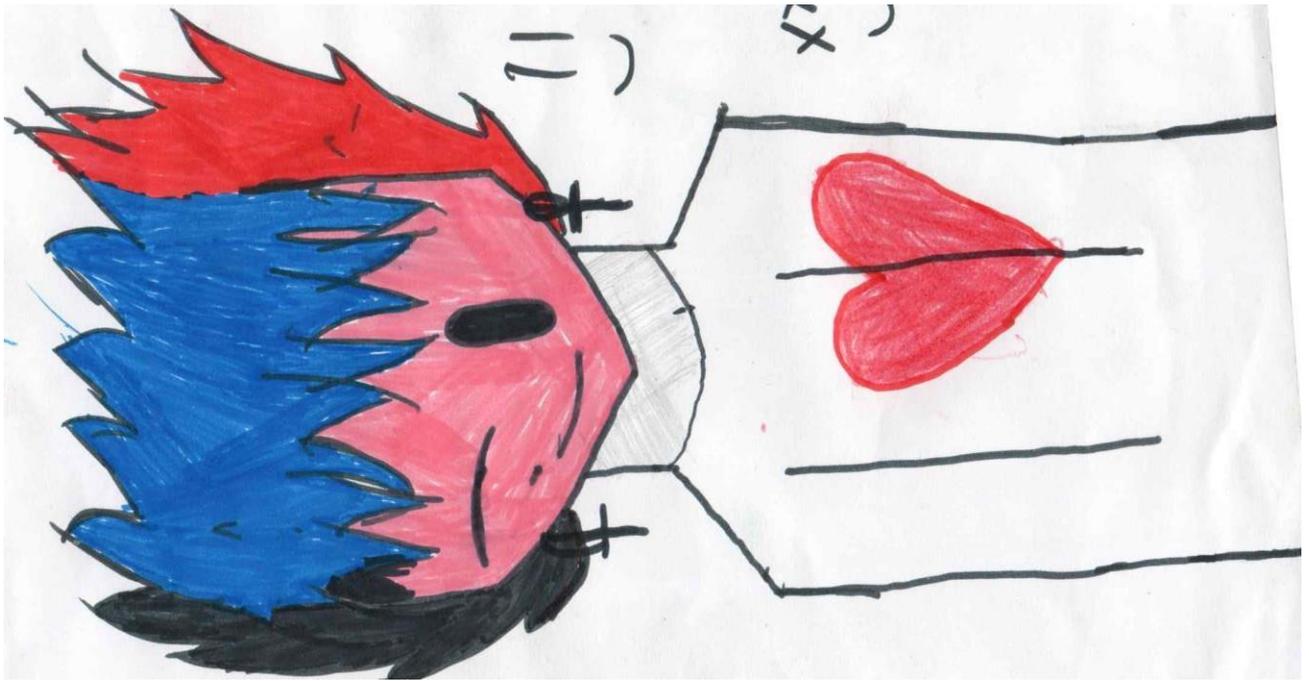
APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Desenhos finais do 5º ano 1



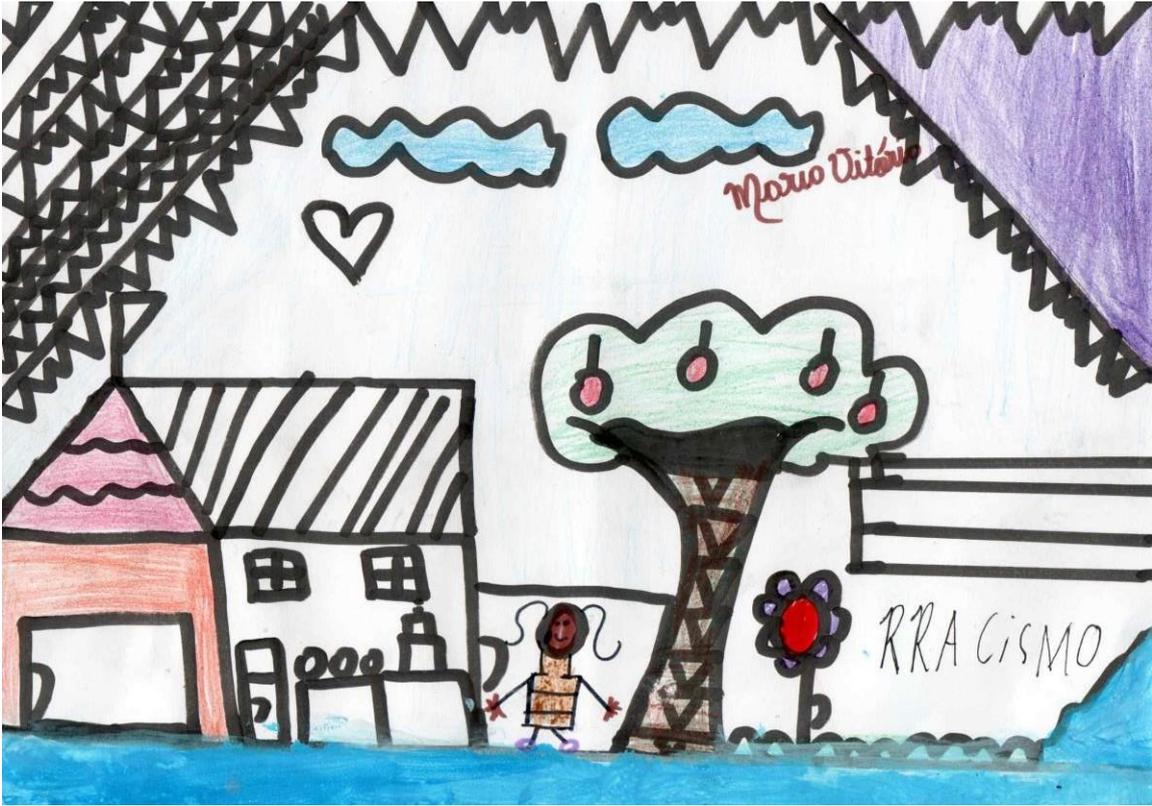








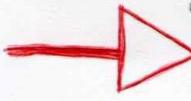






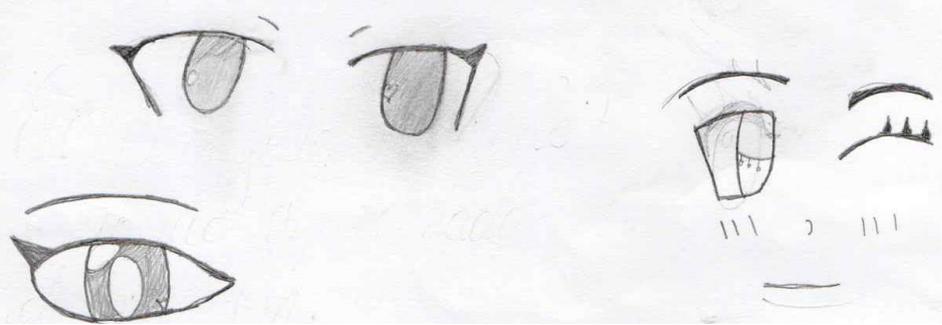
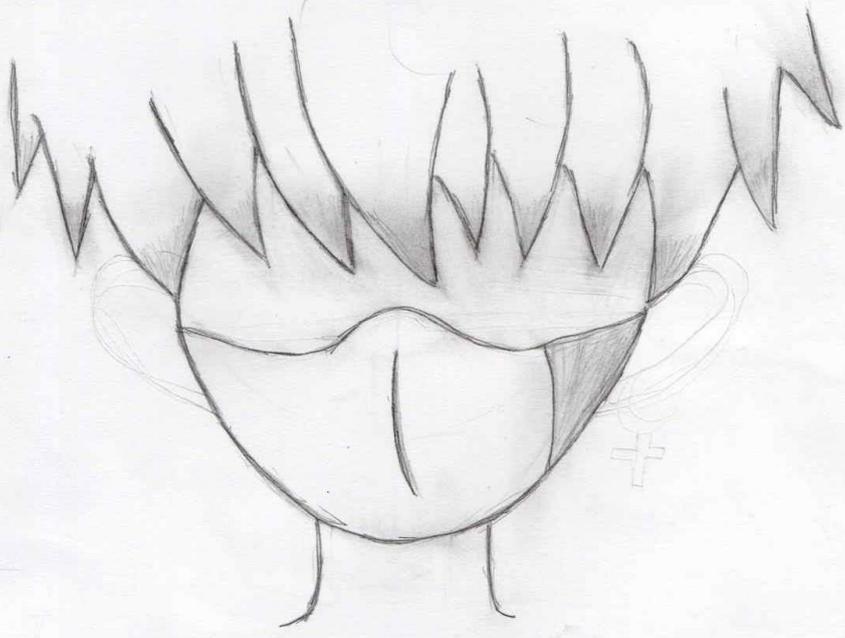


Menino que era muito
 solitário não tinha amigos
 sempre era julgado
 os professores não aguentam
 a vida no terra tentou
 suicídio com sua vida



achava que ninguém
 ligava para ele mas
 ao longo do tempo
 viu que tinha pessoas
 que amavam a vida
 que o erro, teve um ve
 cê Delidiv muito feliz
 pelo de ser.

Não Deixe de ser quem você é





APENDICE 2 – Plano de aula do período de intervenção



Escola Estadual de Tempo Integral Professora Roxana Pereira Bonessi
 Professora: Carla Woany Rabelo Pereira
 Componente Curricular: Arte
 Ano Escolar: 2022

Turmas: 5º ano 1 (2º ciclo)

Turno: Integral

Bimestre: 4º / 2022

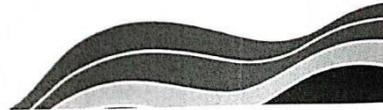
PLANO DE AULA (03/10 a 17/10/2022)

COMPETÊNCIAS TRABALHADAS				
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte. ✓ Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes. ✓ Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações. 				
DATA	HABILIDADES/ OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	AValiação
03/10/2022	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário,	O caderno gráfico como item de armazenamento de experiências	Nesse encontro os alunos irão finalizar a identificação individual dos seus cadernos gráficos. E após abordarmos sobre a utilidade e importância do objeto de catalogação, a turma socializará as grafias que realizarão nas capas. Concluído o acabamento da capa, os alunos assistirão uma apresentação em slide na própria sala de aula, no qual, visualizarão parte do trabalho "Caderno de	O material dessa ação será computado no fim do bimestre na avaliação processual (AV2). Os alunos irão ser avaliados

Digitalizado com CamScanner

Avenida Waldomiro Lustoza, 250. Japiim II
 Manaus-AM - CEP 69075-830

Secretaria de
**Educação e
 Desporto**



	capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais. (EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.)		Retratos - Memórias Imperfeitas" de Eduardo Salavisa, a fim de perceberem que esse material é universal. Os desenhos, ilustrações e pinturas dispostos no caderno, podem ser vistos de muitas formas, e assim como o olhar muda, a forma também pode se transformar. Durante as conversas e apresentações, no decorrer da ação, as crianças terão a permissão para utilizar parte das folhas dos cadernos com liberdade, registrando o que está sendo falado, visto, imaginado, lembrado e sentido. Hora/aula: 3 horas seguidas	subjetivamente e através de material cumulativo. No qual irão apresentar exercícios, experiências, desenvoltura e diálogos. Esse material será contabilizado através de um controle individual.
06/10/2022	(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre	Olhando para dentro de mim e reconhecendo os meus sentimentos e os sentimentos dos artistas Deborah Erê e Raiz Campos diante um processo de criação.	Ainda utilizando a apresentação em slide, o próximo encontro frisar a colocação oral de experiências individuais ou coletivas e os sentimentos relacionado a realização de desenhos em casa e na escola. Com a autorização dos pais e alunos, alguns relatos serão registrados em áudio. No decorrer do que será explanado pelos estudantes, a convite da professora, outros alunos (e ela também) poderão acolher os sentimentos e externalizar suas análises, relatos de experiências e empatia. Nesse momento o grau de troca será qualitativo e não haverá como prever os eventos futuros. Para finalizar essa dinâmica. A professora apresentará	Garantindo uma avaliação em aspecto geral no fechamento do bimestre.

Digitalizado com CamScanner

Avenida Waldomiro Lustoza, 250. Japiim II
 Manaus-AM - CEP 69075-830

Secretaria de
**Educação e
 Desporto**





	diversas linguagens artísticas.		dois artistas e algumas de suas obras (impresa e projetadas), iniciando a ação com a frase: <i>"Eles são gente como a gente. Vamos os conhecer por trás das suas criações?"</i> . Lembrando que nesse momento será apresentado, áudio exclusivo, recortes de entrevistas, citações e partes de vídeos de uma breve história de vida de ambos e como foi/é a realização dos seus trabalhos, observando as influências de fora para dentro. Hora/aula: 3 horas seguidas
10/10/2022		Buscando possibilidades, percebendo significados e registrando sentidos	Após as trocas em sala, os alunos serão instigados a realizar uma pesquisa com o intuito de transmitir uma mensagem para o público escolar. Eles farão um percurso interno e no espaço da escola em busca de referência que serão registradas nos seus cadernos. O estudo das possibilidades também irá percorrer através do acesso à internet nos smartphones, na biblioteca, desenho de observação da área verde da escola e observação de algumas obras impressas em A4 de alguns artistas visuais amazônicos. Próximo ao encerramento desse encontro os discentes irão receber cada um, uma folha de papel A4 com gramatura 180 e textura, no qual serão orientados a realizarem em suas casas um desenho planejado fruto de suas pesquisas, seleções,

Digitalizado com CamScanner

Avenida Waldomiro Lustoza, 250. Japiim II
Manaus-AM - CEP 69075-830

Secretaria de
**Educação e
Desporto**



			organização de ideias e imagens. Utilizando apenas o lápis no qual passará por acabamento se assim for necessário na outra semana. Hora/aula: 3 horas seguidas
17/10/2022		A curadoria	Antes da exposição os alunos farão pequenos grupos para socializarem o que trouxeram. Nesse espaço também realizarão acabamento, caso acreditem ser necessário. Antes da mostra, a artista convidada Deborah Erê os encorajará a defenderem suas mensagens e a não temerem a qualidade estética dos seus trabalhos. Ela também contará sua história e desafio diante seus trabalhos processuais. Com os trabalhos finalizados os discentes irão construir um painel utilizando fita, cartolina, papel cartão e qualquer item decorativo, os trabalhos estarão dispostos abaixo do letrero: <i>"Esses desenhos estão finalizados?"</i> A organização estará disposta de maneira harmônica, considerando a forma que o papel foi trabalhado na horizontal ou na vertical. Distribuídos também entre os multicoloridos e monocromáticos, observando a diversidade de tendências na sala. Para o encerramento desses momentos de valorizar a conduta dessa ação e as propostas trazidas. Os

Digitalizado com CamScanner

Avenida Waldomiro Lustoza, 250. Japiim II
Manaus-AM - CEP 69075-830

Secretaria de
**Educação e
Desporto**



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

alunos farão um piquenique na sala de aula a fim de registrar em si essa ação.

Horas/aula: 3 horas seguidas

Horas totais da ação: 12hrs

Documento orientador: Base Nacional Comum Curricular – BNCC/2018

PROFESSORA:

Sandra Maria da Silva

PEDAGOGA:

Sandra E. Bimento

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
FUN 2829

GESTORA:

Eliany Campos de Brito Carvalho

Eliany Campos de Brito Carvalho
Gestora
Portaria GS Nº 1181/2019
Eli Profª Rozana Pereira Bonessi
Manaus-AM

Avenida Waldomiro Lustosa, 250, Japlin II
Manaus-AM - CEP 69075-830

Secretaria de
**Educação e
Desporto**



ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste, eu JOSENETE LARANJEIRA DE LIMA
CPF 63004291215 RG 17417902, responsável pelo(a)
menor Thaís Laranjeira de Lima

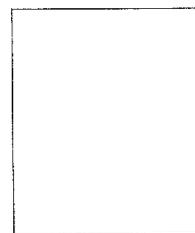
autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisador responsável é CARLA WOANY RABELO PEREIRA. Os objetivos do projeto são: (geral) Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja um maior diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos; (específicos). Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho expressivo, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia a/r/tográfica que oportunize a turma junto encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de cadernos de viagem produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor.

Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(a) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 05/10/2022

Josenete Laranjeira de Lima
Assinatura do(a) Responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do Pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste, eu Ana Kátia Maufo da Costa,
CPF 877.143.452-68, RG 1658429-5, responsável pelo(a)
menor ANNA FAULA DA COSTA COIMBRA

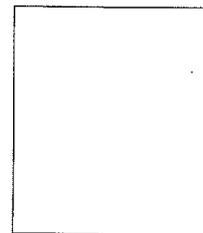
autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 03/10/2022

Ana Kátia

Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

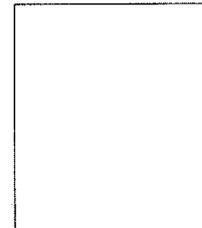
Por meio deste, eu Duque Maria Inácio dos Santos,
CPF 272799792-20, RG 07453450, responsável pelo(a)
menor Yasmin Vitória Souza Junior (vó Patrícia),

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 25/09/2022

Duque Maria Inácio dos Santos
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA(SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste, eu Suzaneide da Silva,
CPF 96450819200 RG 2048715-0, responsável pelo(a)
menor Maria Fernanda da Silva Carneiro.

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/RTOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja dialogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/rtrográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1. Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 04/102022

Suzaneide da Silva
Assinatura do(a) responsável legal

IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes

Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

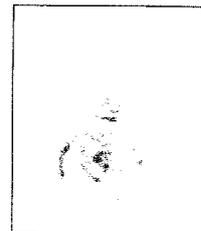
Por meio deste, eu, KARINE DA SILVA BARRETO
CPF 018.711.192-86 RG _____, responsável pelo(a)
menor LEMELLY WADENTINA BARRETO DO NASCIMENTO

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Deixo que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 12/10/2022

KARINE DA SILVA BARRETO
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

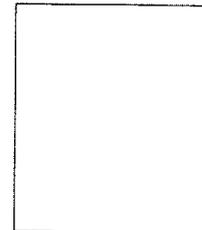
Por meio deste, eu maria da Conceição A. Selva
CPF 571-924-052-72, RG 12322-0, responsável pelo(a)
menor Agatha Alves Franco da Selva

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizagem, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 5 / 10 / 2022

maria da conceição A. Selva
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste, eu Suzi da Silva e Silva
CPF 668495942-49, RG 5549270-2, responsável pelo(a)
menor Geovanne da Silva Bento

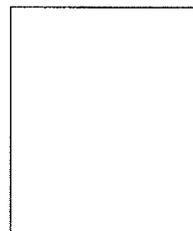
autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA AIRTOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia Airtográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concientemente ao(a) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 03/10 /2022

Suzi da Silva e Silva

Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

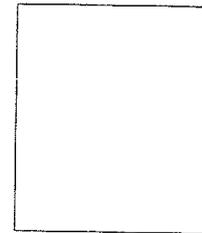
Por meio deste, eu Maria de Fatima S. dos Santos
CPF 003.546.182 RG _____, responsável pelo(a)
menor Leonardo S. da Silva

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja dialogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concientemente ao(a) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 02/10/2022

Maria de Fatima
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste, eu Rosa Helena dos Santos Almeida
CPF 028.552.382-18 RG 3992100-0, responsável pelo(a)
menor Lucas Almeida Prado

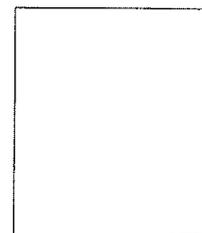
autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concientemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus 28/9/2022

Rosa Helena dos Santos Almeida
Assinatura do(a) responsável legal

Carla Woany Rabelo Pereira
Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)



Prof-Artes

Mestrado Profissional em Artes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

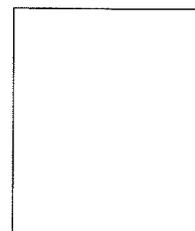
Por meio deste, eu Tamires da Silva Batista,
CPF _____ RG 291624123, responsável pelo(a)
menor Deborah da Silva Batista

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja dialogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus 26/09/2022

Tamires da Silva Batista
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA(SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes

Mestrado Profissional em Artes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

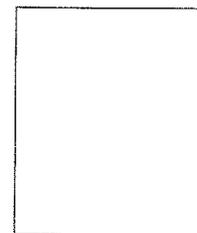
Por meio deste, eu Veronica Quares dos Santos
CPF 02409254241, RG 27423255, responsável pelo(a)
menor JHUAN GUILHERME DOS SANTOS SILVA

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/RTOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 25 / 09 / 2022

Veronica Quares dos Santos
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

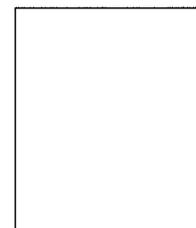
Por meio deste, eu ARLEANDRO ROUSA DOS ANJOS,
CPF 781.791.922-68, RG 16977285, responsável pelo(a)
menor CAROLINE SOARES DOS ANJOS

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja dialogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 27/09/2022

ARLEANDRO S. DOS ANJOS
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes

Mestrado Profissional em Artes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste, eu IRACEMA FARIAS ABEU,
 CPF 677 481 922-15, RG 1478258-8, responsável pelo(a)
 menor LAURA ABEU DE MORAES

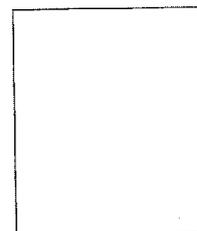
autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concientemente ao(a) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 27/09/2022

Iracema Farias ABEU

Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA(SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira

Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

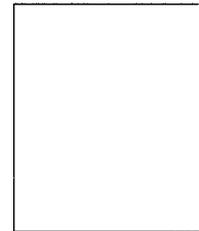
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

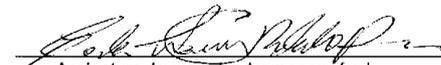
Por meio deste, eu Edicleuma da Costa Rodrigues,
CPF 657.232.802-59 RG 3880242-5, responsável pelo(a)
menor João Herton Rodrigues da Silva,
autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja dialogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1. Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concientemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 25/08/2022


Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)


Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

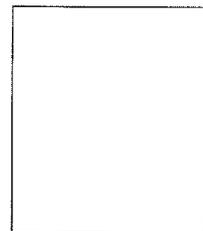
Por meio deste, eu Edleirnei G. da Silva
CPF 586384052-68 RG 1289280-7, responsável pelo(a)
menor Alice Raulo Rodrigues Soares

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA AIR/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja dialogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercicio do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia Air/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 30/09/2022

Edleirnei G. da Silva
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

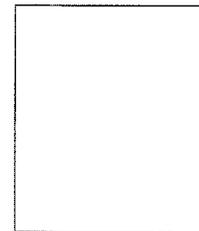
Por meio deste, eu Jeany magalhães Andrade
CPF 425 878 332-15 RG 0988207-3, responsável pelo(a)
menor Sarah cristina magalhães andrade

autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/R/TOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concientemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 01/20/2022

Jeany magalhães Andrade
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA(SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

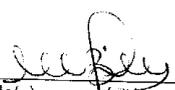
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

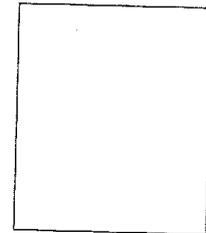
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste, eu Márcio Brazil Maia
CPF 383.765.472-91 RG 0925343-2, responsável pelo(a)
menor Magno Cristiano Ramos Maia

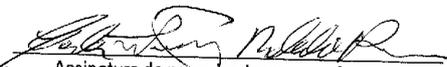
autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/RTOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja dialogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercicio do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/rtoográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1. Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concernentemente ao(a) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 28/09/2022


Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)


Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste, eu ERLANGE O. PINHEIRO
CPF 417 526 862 65, RG 60004.11, responsável pelo(a)
menor CAROLINY PINHEIRO DO NASCIMENTO

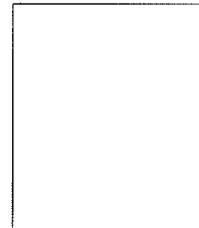
autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA ARTTOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja diálogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercício do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia Arttográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1.

Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concientemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 26 / 05 / 2022

ERLANGE O. PINHEIRO:

Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

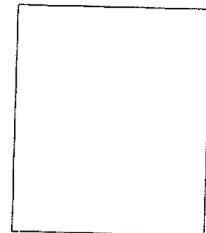
UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste, eu Gizelly Costa de Oliveira
CPF 034.566.982.75 RG 2712490-8, responsável pelo(a)
menor Giovanna Beatriz Costa de Oliveira, autorizo-o(a) a participar voluntariamente e sem contrapartidas ou compensações financeiras do projeto de pesquisa SOB OUTRO PONTO DE VISTA: O USO DA A/RTOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO NO ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS, cujo pesquisadora responsável é a professora mestranda CARLA WOANY RABELO PEREIRA. O objetivo geral do projeto se designa em: Refletir a dinâmica que a sala de aula, alunos do 5º ano 1 e professora de arte, irá percorrer para que haja dialogo sobre a expressividade visual usando desenhos. No qual se distribui em: Compreender e descrever as práticas de ensino que a professora realiza na turma durante o exercicio do desenho, apresentando a resistência que os alunos demonstram na sala; Elaborar uma proposta de atividade com base na metodologia A/r/tográfica que oportunize a turma junto a professora encontrar meios de superação referente a problemática; Realizar a construção individual e/ou coletiva de um caderno gráfico produzido a mão, para registro de aprendizado, dúvidas e ensaios. Tal participação se dará nas dependências da Escola Estadual de Tempo Integral Roxana Pereira Bonessi, durante as aulas de Arte, ministradas pela pesquisadora/professora no segundo semestre de 2022 para a turma do 5º ano 1. Também autorizo, voluntariamente e sem requerer contrapartidas ou compensações financeiras, que a pesquisadora faça registros em: áudio, fotografia e vídeo da participação do(a) aluno (a) acima identificado(a), desde que tomadas todas as medidas que garantam a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e anonimato pessoal nas informações prestadas pelo(a) menor. Declaro que a pesquisadora apresentou e respondeu meus questionamentos sobre o projeto, sobre a participação do(a) menor sob minha responsabilidade, bem como prestou outros esclarecimentos pertinentes ao projeto. Sobre os dados e registros feitos durante o projeto concientemente ao(à) menor sob minha responsabilidade e sobre mim, a pesquisadora informou que seu uso se dará na construção de seu trabalho de conclusão de mestrado e poderá ser apresentado em eventos científicos e educacionais presenciais, semipresenciais e/ou mediados tecnologicamente, dentro e/ou fora do Brasil, por meio de mídias impressas, digitais e/ou outros formatos.

Manaus, 27/09/2022

Gizelly Oliveira
Assinatura do(a) responsável legal



IMPRESSÃO
DACTILOSCÓPICA (SE
NECESSÁRIO)

Carla Woany Rabelo Pereira
Assinatura do pesquisador responsável